

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

**Formação em Saúde, Masculinidades Negras e Serviço Social:**

**A experiência das Residências em Saúde da UFRJ**

**Sandro Barbosa Mattos**

**RIO DE JANEIRO 2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

**Formação em Saúde, Masculinidades Negras e Serviço Social:**

**A experiência das Residências em Saúde da UFRJ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos pré-requisitos para obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rachel Gouveia Passos

**RIO DE JANEIRO**  
**2021**

**Formação em Saúde, Masculinidades Negras e Serviço Social:  
A experiência das Residências em Saúde da UFRJ**

Autor:

---

Sandro Barbosa Mattos

Orientadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rachel Gouveia Passos

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida

---

Prof. Dr. Jadir Anunciação de Brito

---

Prof. Dr. Daniel de Souza Campos

## AUTORIZAÇÃO

Sandro Barbosa Mattos, DRE 116162625, AUTORIZO a Escola de Serviço Social da UFRJ a divulgar total ou parcialmente o presente Trabalho de Conclusão de Curso através de meios eletrônicos e em consonância com a orientação geral do SiBI.

Rio de Janeiro, 08 de Dezembro de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Na filosofia africana existe um conceito ou essência chamada “ubuntu”, filosofia que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas uma com as outras. Aprendemos que ubuntu estabelece uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade que uma sociedade necessita para diminuir as desigualdades sociais: “Eu sou porque nós somos”.

Sendo assim, minha gratidão e agradecimento a minha mãe, Janet, cuja luta enquanto mãe solteira, operária, pelo exemplo de cuidar de sua mãe e quatro filhos, privada de oportunidades numa sociedade desigual sempre foi minha inspiração. A minha esposa, Ester, pela parceria e cumplicidade. Ao meu filho e minha nora que estão sempre atentos a cumprir os socorros.

A minha orientadora, Rachel Gouveia, apaixonada pelo que faz, ótima educadora e pedagoga. Pela sensibilidade de acolher os quilombolas excluídos de nossa sociedade, cuja a estrutura está alicerçada no racismo estrutural. Seu compromisso com os excluídos sempre foi minha inspiração.

Ao professor Daniel pelo “ubuntu”, pela oportunidade da monitoria, pela orientação do segundo capítulo que envolve as masculinidades negras, e, um salve, pela conquista de professor efetivo da Escola de Serviço Social da UFRJ.

Ao Coletivo de Negros e Negras do Serviço Social da UFRJ, Dona Ivone Lara, agradeço o pertencimento, as lutas antirracista enfrentada ao decorrer da graduação, especialmente, ao Roberto que estabelecemos uma grande parceria, e cumplicidade nos diálogos de desabafos para manter a nossa saúde mental equilibrada. Amanda e Paulo na parceria da pesquisa, muito me ajudaram a desenvolver experiência nas pesquisas acadêmicas.

*“Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro humano um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar minha liberdade”*

(Frantz Fanon)

*“O que importa não é conhecer o mundo, mas mudá-lo”*

(Frantz Fanon)

*O domínio da linguagem proporciona um poder notável.*

(Frantz Fanon)

## RESUMO

O presente trabalho aborda os 5 programas de Residência Multiprofissional em Saúde da UFRJ. Especificamente, iremos abordar o lugar das masculinidades negras nas residências multiprofissionais da UFRJ, onde estão os assistentes sociais negros no contexto das residências em saúde. A partir de uma perspectiva crítica da formação social brasileira, repensar o contexto, em que, a história do homem negro foi construída em nossa sociedade. Desse modo, objetiva-se analisar e investigar através do questionário para as residentes dos 5 programas da UFRJ, essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro localizada na Av. Pasteur 250, fundos, CFCH. O formulário utilizado foi pensado de forma a obter dados quantitativos e qualitativos no que tange ao processo de formação profissional e as questões de saúde das residentes em contexto de pandemia. Os 5 programas se insere 31 residentes, mas, apenas 25 residentes responderam ao questionário on-line, enviados. Neste sentido, a pesquisa propõe analisar e identificar os assistentes sociais negros nas residências da UFRJ. Se esses homens negros não estiverem nas residências em saúde dos programas da UFRJ, onde encontraremos esses corpos em nossa sociedade? Nessa perspectiva, através de indicadores sociais, nos permitirá identificar os lugares que esses corpos negros estão ocupando na formação social brasileira. Se essas ocupações são reflexos histórico de nossa estrutura escravista que se reflete até os nossos dias.

**Palavras-chaves:** Residência em saúde – masculinidades negras – formação social brasileira.

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Residências Multiprofissionais em Saúde e Serviço Social .....	16
Breve histórico do Serviço Social nas Residências Multiprofissionais em Saúde no Brasil.....	16
Serviço Social e Formação em Saúde.....	20
Estado da arte da produção do Serviço Social nas Residências em Saúde .....	23
Capítulo 2 - Masculinidades Negras, Serviço Social e Formação em Saúde.	
2.1 A construção social da Masculinidade .....	25
2.2 - Masculinidades negras e sua (des) humanidades: ainda em dados e estatísticas.....	34
Capítulo 3 - A experiência das Residências Multiprofissionais em Saúde na UFRJ .....	44
Contextualizando as Residências em Saúde da UFRJ e o Serviço Social.....	44
Quem são eles? O perfil dos residentes em saúde no período de 2019-2020 .....	53
Por onde eles andam? Homens negros e assistentes sociais.....	60
Considerações Finais.....	65
Bibliografia.....	67



## INTRODUÇÃO

Um dos objetivos que me chama a atenção no autor martinicano Frantz Fanon na sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, ainda que, os três primeiros capítulos tratam do preto moderno, envolvendo questionamentos de conflitos entre o branco e o negro de buscar o equilíbrio adoecedor do negro, que na sua subjetividade quer ser branco, e também conscientizar o negro de não pregar o ódio ao branco. No quinto capítulo escrito “A experiência vivida do negro”, Fanon mostra o preto diante de sua raça, a importância que todo intelectual e militante negro precisa ter como missão, a descobrir o sentido da sua identidade negra, tornar-se para si - explicar as relações de consciência, ou seja, retirar do mundo da alienação colocado pelo sistema colonialista, capitalista e racista.

Essa questão de Fanon sobre descobrir o sentido de sua identidade, ora, liberta o negro de sua alienação do modelo colonizador do padrão hegemônico do ser “branco”, e explica que a civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial.

Nesta introdução vou me apresentar falando desta construção de identidade negra que aconteceu comigo, homem negro, que já havia passado dos trinta anos, criado por uma mãe solteira e mais 3 irmãos, tendo que estudar e trabalhar desde a adolescência. Quando a UERJ lançou o seu programa de cotas para o vestibular no início dos anos 2000, a minha rejeição por fazer provas por cotas era bem evidente. Em 2003, adquiri os formulários de preenchimento de cotas achando que fazia parte da inscrição, quanto ao preenchimento do formulário descobri que era para alunos cotistas, eu não enviei, alegando a negativa de uma sociedade construída no racismo e achando que o país era democrático racialmente.

Sabendo que não iria conseguir passar para uma universidade pública no curso indicado como minha preferência, sem ter a consciência que o FIES (Programa de Financiamento Estudantil), é parte das ações afirmativas para o ingresso nas universidades. Ingressei no FIES com muitas dúvidas da dívida que iria adquirir futuramente, a situação do país estava favorável para a educação e coloquei a minha idade na balança em termos de entrar pelo Enem nas

universidades públicas. Em 2013, ingressei na Universidade Veiga de Almeida pelo FIES no curso de licenciatura em história.

Entre na UVA com a perspectiva de fazer o TCC relacionado com o confronto Judeus x Palestinos, numa perspectiva bíblica apocalíptica dentro da ideologia do contexto religioso, evangélico e pentecostal, e também numa relação institucional de debates quase nulo de assuntos como misoginia, LGBTfobia, intolerância religiosa e racismo. Me formei em 2016, no curso de licenciatura em história com consciência que ainda estava longe do mercado de trabalho, resolvi continuar estudando e fazer o Enem. Com as ferramentas que tinha adquirido, a estratégia deu certo, quase 900 em redação, uma boa nota em ciências humanas, e, a média mínima nas outras disciplinas.

Ingressando na Universidade Federal do Rio de Janeiro percebi o abismo relacionado a pesquisa das universidades públicas para as universidades privadas. Quando ingressei na UVA meus pensamentos estavam bem abertos para sair da visão teológica, e ter uma visão totalitária de mundo. Até fazer a disciplina de TCC I, não encontrei nenhum suporte para desenvolver o tema na perspectiva Judeus x Palestina durante o curso. A disciplina que envolvia este tema era bem no final do curso, e cristianismo só encontrei um professor que não era da universidade.

Um momento fiquei sem perspectiva do que pesquisar, com o desenvolvimento do curso, a consciência da minha subjetividade negra estava começando a se formar, os atos de racismo que vivia desde a infância começaram a virar ciência, tomar forma. A vivência numa universidade elitista e branca começou a acelerar o processo dentro do meu ser. O tema estava aberto a qualquer temática que atravessasse a minha realidade, foi quando numa página das redes sociais surgiu uma postagem do livro de Eduardo Silva; Dom Obá II D'África, o Príncipe do Povo. Comprei o livro e, em poucos dias, já tinha lido todo o conteúdo. Após a leitura, me interessei em fazer o TCC pesquisando o racismo estrutural existente em nossa sociedade.

Não havia uma representação direta para pedir a orientação para o TCC, havia uma professora progressista e brilhante em suas aulas sobre história do Brasil do fim do período imperial até o período Vargas (História do Brasil III). Aceitando o convite acertamos o tema: “A guarda negra e o protagonismos dos negros”. Durante a pesquisa que dialoga com o final do Império e o começo da República, nessa perspectiva, a importância do tema que Fanon aborda sobre o

preto descobrir o sentido da sua identidade negra, tornar-se para si - explicar as relações de consciência, surtindo um efeito positivo para minha subjetividade negra, no interesse pelo tema e ser um estudioso da temática e suas relações.

Neste sentido, ser um assistente social, residente e negro, é necessário adquirir consciência que cada grupo específico precisa ser respeitado, a interseccionalidade subjetiva deverá ser debatida. A totalidade tem que ser construída pelo coletivo profissional. Na UFRJ, apesar de algumas contradições como o atraso da aprovação de alunos/as cotistas na pós-graduação, a complexidade para aprovação de cotas em concursos para professor/a da ESS/UFRJ. Avançamos de forma significativa, assim como, no processo da disciplina obrigatória sobre raça/cor que está em processo de debates para ser aprovada. Entrei na UFRJ consciente da minha identidade negra, feliz por poder contribuir para a construção do Coletivo de Negros e Negras do Serviço Social Dona Ivone Lara, e ainda, o Coletivo esteve presente em todos esses debates.

Na consciência de minha identidade negra no meu ingresso na ESS/UFRJ no período 2016. 2, estava muito sensível no espaço que este corpo negro iria ocupar. Após a recepção dos calouros no auditório da ESS, perguntei para um professor (gênero masculino) onde se localizava o banheiro masculino no prédio em que estávamos. Fiquei surpreso com a resposta do professor, dizendo que não sabia a localização do banheiro masculino por ser novo na escola, e também, o curso de Serviço Social da UFRJ era de predominância de mulheres. Depois fiquei pensando, mesmo sendo novo na ESS/UFRJ, o professor nunca utilizou o banheiro daquele andar? E porque acrescentar que o curso é de predominância de mulheres? Na minha liberdade de pensamento, julgo este ato como um desafio ao racismo institucional que teria de enfrentar na minha caminhada acadêmica no curso de Serviço Social da UFRJ.

Meu interesse em pesquisar sobre “Masculinidades Negras”, iniciou na disciplina de Pesquisa Social lecionada pela minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Rachel Gouveia, convidando o Prof. Daniel Campos que estava no processo de sua tese de doutorado com o tema: *A experiência dos homens negros no Programa Bolsa Família*. Alguns alunos também estavam pesquisando sobre masculinidades negras. Paulo Sergio meu companheiro de pesquisa defendeu no mês de agosto seu Projeto de Término de Conclusão de Curso sobre o tema. Neste mês de novembro de 2021 além da minha defesa de TCC, o companheiro Roberto do

Coletivo Dona Ivone Lara do Serviço Social da UFRJ, estará defendendo seu TCC sobre masculinidades negras. Através de diálogos sobre o tema com diversas pessoas, mas o “núcleo temático” ministrado pelo Prof. Daniel Campos sobre masculinidades negras, meu interesse pelo tema foi concretizado com a familiaridade da bibliografia direcionada na disciplina.

Então, o maior dilema para a proposta de um tema que envolvesse as masculinidades negras era o maior desafio para a elaboração da pesquisa. A única ideia do tema para aplicar na pesquisa, estava relacionada com os dois primeiros níveis de estágio feitos no Caps ad Antônio Carlos “Mussum”. Porém, não havia nenhum elemento que coubesse na construção do objeto escolhido na pesquisa para ser o ponto de partida no desenvolvimento do tema.

A construção do tema foi iniciada pelo convite para participar do grupo de pesquisa: “Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes”, coordenado pela minha orientadora e composta por Amanda de Almeida Sanches; Paulo Sérgio Pereira Filho e Sandro Barbosa Mattos. Na primeira conversa de orientação que tivemos sobre grupos de pesquisas da UFRJ, comentei sobre a dificuldade de um homem negro ser um aluno bolsista de Iniciação Científica, com mais de quarenta anos ingressar em algum grupo de pesquisa da ESS/UFRJ. Até o sétimo período não havia obtido oportunidade de fazer parte de um grupo de pesquisa como bolsista.

A pesquisa faz parte da Coordenação de Capacitação Continuada (CCC) da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ), sendo criada em dezembro de 2019, e tem como um dos seus propósitos estreitar os canais de comunicação e apoio na formação dos residentes multiprofissionais, e, além disso, viabilizar capacitações para as supervisoras de campo e articular ações interdepartamentais para a construção de especializações. Minha relação como aluno no programa de bolsas de iniciação científica da ESS/UFRJ: Pesquisador Bolsista - Bolsa PIBIC/UFRJ - Vigência de setembro de 2020 a agosto de 2021 - Bolsa IC - Vigência de setembro de 2021 a março de 2022.

Nessa perspectiva, a importância da orientação foi um divisor de águas na minha vida acadêmica e no processo de construção do tema para o TCC, mediante aos resultados do questionário das 25 respondentes dos 5 Programas de Residências em Saúde da UFRJ, surgem duas perguntas que vão ser o ponto de análises de construção da pesquisa, onde se encontra o assistente social negro,

nas residências em saúde da UFRJ? Se esses homens negros não se encontram nas residências em saúde, onde encontraremos estes corpos negros em nossa sociedade capitalista?

Sendo assim, apresentaremos os três capítulos do trabalho de conclusão de curso intitulado *Formação em Saúde, Masculinidades Negras e Serviço Social: A experiência das Residências em Saúde da UFRJ*. No primeiro capítulo trabalhamos as Residências Multiprofissionais em Saúde e Serviço Social com três pontos analisados, 1.1. Breve histórico do Serviço Social nas Residências Multiprofissionais em Saúde no Brasil, 1.2. Serviço Social e formação em saúde, 1.3. Estado da arte da produção do Serviço Social nas Residências em Saúde. Entretanto, no contexto do Estado da arte da produção não conseguimos identificar produções que abordam o tema deste homem negro, na ausência, ou, no exercício profissional de assistente social residente.

No capítulo 2 abordamos as masculinidades negras e a desumanização da existência, com dois pontos, a contextualização histórica e social das masculinidades negras, e também, suas (des)humanidades: ainda em dados e estatísticas. Neste ponto da construção social das masculinidades negras trabalhamos com alguns autores especialistas da temática, a ser destacado: FAUSTINO, D. M; RIBEIRO, A. A. M, no artigo Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama, destaco a abordagem sobre o Negro Vida - a maneira de ser homem negro, sem a influência do colonizador, onde o “Negro Vida” coloca as masculinidades negras em busca de uma autonomia diante das contradições patriarcal.

Outro ponto citado por FAUSTINO e RIBEIRO no ponto de vista entre Florestan Fernandes e Clóvis Moura, mesmo sendo um autor respeitado pela temática racial, os autores fazem uma crítica a Florestan Fernandes pelo questionamento em dizer que o negro tem uma parcela de culpa da sua não integração no mercado de trabalho, ser sem habilidades e competência no mercado de trabalho. Os autores dialogam com Clóvis Moura com o olhar mais ampliado, dissociado do olhar do colonizador, Moura salienta que no período escravista os negros ocupavam a maioria absoluta dos postos de trabalho, os resultados dessas dispersões do negro no mercado de trabalho é fruto da troca de mão de obra negra para a mão de obra imigrante.

Trabalhamos também com Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* com o diálogo das abordagens sobre as masculinidades hegemônicas, Fanon

expressa esse conflito entre negros e brancos: O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano, ou seja, o branco está fechado na sua brancura, o negro na sua negrura. CONNEIL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. N e SOUZA, R. M, são autores que abordam o tema das masculinidades hegemônica e homens negros em luta de prestígios.

O capítulo 2.2 tratamos de uma abordagem que apontou o silenciamento, apagamento e invisibilidades desses corpos negros nas residências multiprofissional em saúde, através de indicadores sociais como a PNAD contínua 2019 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), o estudo de Síntese de Indicadores Sociais - IBGE, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - (Ipea).

Os indicadores sociais contribuíram para dar as respostas de onde se encontram os corpos negros em nossa sociedade capitalista de consumo, a sua posição na divisão racial do trabalho, em que posição social esses corpos ocupam na construção social histórica brasileira. Os dados dos indicadores sociais apontam para os negros e pardos em moradores em situação de rua, informalidade, sistema carcerário, taxa de homicídios, prisões por equívoco fotográfico e evasão escolar. Todos esses dados mostram que a população negra se encontra com margens de porcentagem bem maiores que a população branca.

O capítulo 3 é a contextualização dos resultados das análises do questionário enviado para as residentes dos 5 Programas de Residência Multiprofissional em Saúde da UFRJ. Capítulo 3: A experiência das Residências Multiprofissionais em Saúde na UFRJ; 3.1. Contextualizando as Residências em Saúde da UFRJ e o Serviço Social; 3.2. Quem são eles? O perfil dos residentes em saúde no período de 2019-2020; 3.3. Por onde eles andam? Homens negros e assistentes sociais.

No capítulo 3.1 e 3.2, contextualizamos e apresentamos através dos gráficos os resultados das residentes respondentes da pesquisa, vou destacar o gráfico 14: identidade de gênero onde na questão de gênero, no qual, apenas 1 assistente social residente homem se autodeclarou preto. Das 25 respondentes, vinte e uma (21) se identificaram como mulheres cis e quatro (4) se identificaram como homens cis.

A nossa hipótese mediante as duas perguntas que foram feitas como ponto de investigação da pesquisa, são elas: onde se encontra o assistente social negro, nas residências em saúde da UFRJ? Se esses homens negros não se encontram

nas residências em saúde, onde encontraremos estes corpos negros em nossa sociedade capitalista?

A resposta da nossa hipótese dialoga com o capítulo 2.2, onde abordamos a localização desses homens negros em lugares da maioria de seus corpos está em lugares de degradação de sua moral, de sua identidade e sofrimento, esses corpos estão em situação de rua, informalidade, sistema carcerário, taxa de homicídios, prisões por equívoco fotográfico e evasão escolar etc. Dentro desses dados, no gráfico 14 do capítulo 3.1, observamos que das 25 respondentes da pesquisa em relação ao gênero, 21 são mulheres e 4 são homens.

Desses 4 assistentes sociais homens, apenas um assistente social se autodeclarou preto. Ora, a pesquisa mostra que esses homens não estão nas residências multiprofissionais em saúde, sua localização está longe de lugares que necessitam de educação básica escolar, cursos técnicos e acesso às universidades.

## **CAPÍTULO 1**

### **Residências Multiprofissionais em Saúde e Serviço Social**

#### **Breve histórico do Serviço Social nas Residências Multiprofissionais em Saúde no Brasil**

Com o avanço do neoliberalismo na década de 1990, o Serviço Social consolidou suas bases de um novo projeto profissional, agora vinculado a um projeto social radicalmente democrático e coletivo (CFESS, 2017). A laicização do Serviço Social, o desenvolvimento teórico, metodológico e político da profissão, apresentam o Serviço Social como profissão reconhecida academicamente e legitimada socialmente, a partir de uma visão crítica através do atual Código de Ética Profissional, a Lei de Regulamentação da Profissão (Lei 8662/93) (CFESS, 2011, p. 19).

No tempo presente, encontramos no cenário político brasileiro a diminuição do espaço público estatal acompanhada com a ascensão do neoliberalismo, em consequência, a diminuição dos direitos sociais conquistados, especialmente tratados no campo da saúde não havendo uma ruptura, mas sim, uma continuidade do projeto neoliberal e o sucateamento das políticas de saúde.

Em 2018, pela Associação Brasileira de Ensino em Pesquisa (ABEPSS) realizou em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisa dos Fundamentos do Serviço Social (GEPEFSS) da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (FSS/UFJF) um mapeamento. O mapeamento compreende a construção da inserção do Serviço Social nos Programas de Residências Multiprofissionais em Saúde (RMS) (ABEPSS, 2018). Segundo Silva (2018), a primeira experiência em Residência Multiprofissional em Saúde acontece em 1976, no Rio Grande do Sul, vinculada à Secretaria Estadual de Saúde desenvolvida na atenção básica, porém, somente em 2005 pela Lei nº 11.129, de 30 de junho 2005, a RMS é instituída legalmente como modalidade de formação para o Sistema Único de Saúde (SUS).

O Serviço Social nos Programas de Residência amplia a sua inserção a partir do final dos anos 2000, na finalidade de atenção das entidades do Serviço



Social mediante uma visão crítica à lógica de expansão atrelada à queda de investimentos no quadro de trabalhadores da saúde, também cresce o acirramento da mercantilização da política de saúde (ABEPSS, 2018).

A partir dos anos 1990, temos no Brasil a entrada do ideário neoliberal que adota a ideia de Estado mínimo para a área social e forte para as áreas relativas ao mercado, que influenciam a acumulação de capital (CASTRO, 2013). Neste contexto, as residências se constituem dentro de uma disputa constante das políticas neoliberal brasileira entre público e privado: o modelo da Reforma Sanitária e o modelo da Reforma Privatista. O modelo da Reforma Sanitária segue na direção do modelo Ético-político profissional buscando maior qualidade ao atendimento prestado à população usuária dos serviços de saúde em todo o Brasil servindo de referência para elaboração do Sistema Único de Saúde (SUS) (CFESS, 2017). O modelo privatista (neoliberal) ganha força neste mesmo período com privatizações; em consequência, precarizando as políticas públicas com o “financiamento do público com o privado”, numa dinâmica orçamentária que reforça as desigualdades sociais (SILVA, 2020).

A RMS, se estabelece como uma formação em nível de pós-graduação lato sensu, que tem como principal característica realizar-se através do trabalho em saúde, sua carga horária mínima para sua especialização é de 360h, nesta modalidade a Residência em Saúde tem a duração de dois anos e uma totalidade de uma carga horária total de 5760h, envolvendo diversas profissões: Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia, Psicologia, Serviço Social, Farmácia, entre outras, exceto a médica (CASTRO; DORNELAS; ZSCHABER, 2019, p. 463). Segundo Silva (2018), após a inserção da RMS no Brasil foi criada a Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (CNRMS), cuja organização e funcionamento são compartilhados entre o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Saúde (MS).

O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), orienta como pertencer ao quadro pessoal da Instituição de Residência Multiprofissional em Saúde como Residente do Serviço Social e desenvolver a sua formação e conhecimento teórico-prático:

O/a residente de Serviço Social ingressa nos Programas de Residência Multiprofissional em Saúde por meio de exame de seleção, onde é matriculado/a e recebe bolsa de trabalho, não sendo, de fato, funcionário da instituição, mas sim um profissional em formação que participará de um programa de pós-graduação com carga horária que envolve aulas teóricas e práticas, supervisionado/a por profissional da instituição, por prazo determinado. Assim, a residência não gera vínculo empregatício. Não gera qualquer vínculo de natureza trabalhista com a instituição, estando, portanto, o/a residente fora do quadro de pessoal, impedido, dessa maneira, de realizar supervisão de estágio de estudantes de Serviço Social (CFESS, p. 43, 2017).

A Lei 11.129/2005, direciona alguns apontamentos nos programas de residência, o regime se baseia em dedicação exclusiva, mas não define carga horária de 60 (sessenta) horas semanais para o residente, todavia, na Portaria Interministerial MEC/MS nº 506/2008 estabelece de forma definitiva a carga horária semanal das atividades desenvolvidas nos programas de residência para 60(sessenta) horas semanais. As bolsas definem isonomia nos valores praticados para a iniciação científica no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No primeiro seminário dentro de alguns que foram feitos, destacamos as discussões para uma melhor construção da multidisciplinaridade e preceitos da integralidade conforme enfatiza, Silva (2018):

Ainda em 2005, com o objetivo de discutir as diretrizes para a residência multiprofissional, aconteceu o I Seminário Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde, contou com a participação de coordenadores de programas, preceptores, residentes, gestores e conselheiros de saúde. As discussões foram travadas em 4 (quatro) eixos norteadores: 1) estratégias para a construção da multidisciplinaridade visando atender o preceito constitucional da integralidade; 2) construção de diretrizes nacionais para a RMS; 3) composição da CNRMS; 4) criação do Sistema Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (SNRMS) (SILVA, 2018 p. 202).

A formação profissional para o SUS é reconhecida com a Constituição Federal de 1988 e posteriormente com a Lei Orgânica da Saúde (LOAS), em 1990, sendo demonstrada a necessidade da importância profissional na RMS, dos conceitos de multiprofissionalidade e integralidade no alinhamento das políticas públicas em conjunto com a formação de profissionais que são fundamentais para inserção na Residência Multiprofissional, mediante as necessidades vigentes como estratégia para o SUS e contribuir para a integralidade com a formação multiprofissional (SILVA; NATAL; DOLNY, 2018).

O processo formativo da Residência necessita de acompanhamento sistemático, sabendo-se que RMS é uma formação que necessita da teoria e prática, se faz necessário na formação e nas relações com docentes, tutores, preceptores, profissionais da saúde e residentes. Neste processo, as Residências estão amparadas na resolução da Comissão Nacional de Residência Multiprofissional (CNRMS) nº2 de 2012, aponta que a estruturação dos Programas de Residência deve contemplar a coordenação da Comissão de Residência Multiprofissional - COREMU, coordenação de programa, Núcleo Docente-Assistencial Estruturante – NDAE – este documento atribui às funções do sujeito no processo formativo das/os residentes. (CAPUTO; SILVA; TRISTÃO, 2019, p. 500).

O Ministério da Saúde no final dos anos 2000 lançam três programas com editais de suma importância para o trabalho e a formação em saúde, com uma grande importância para as Residências Multiprofissionais, com a proposta de construção de um trabalho interdisciplinar e coletivo direcionado aos princípios e diretrizes do SUS para qualificar as ações em saúde: 1) Pró-Saúde – Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde. 2) PET-Saúde – Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde. 3) Programas de Residência Multiprofissional – a finalidade destes programas é realizar a formação do trabalho coletivo com base na interdisciplinaridade (CASTRO, 2013, p. 4).

Segundo Castro (2013), o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) em 2010, após discussões de entidades do Serviço Social lança os parâmetros para a atuação profissional na política de saúde apresentando alguns pontos que articula os princípios do projeto Ético-Político profissional com os princípios da Reforma Sanitária para os assistentes sociais atuarem em diferentes políticas sociais afastando-se de abordagens tradicionais, funcionalistas e pragmáticas; 1) estar articulado e sintonizado ao movimento dos trabalhadores e de usuários que lutam pela real efetivação do SUS; 2) conhecer as condições de vida e trabalho dos usuários, bem como os determinantes sociais que interferem no processo saúde-doença; 3) buscar a necessária atuação em equipe, tendo em vista a interdisciplinaridade da atenção em saúde; 4) estimular a intersetorialidade, tendo em vista realizar ações que fortaleçam a articulação entre as políticas de

seguridade social, superando a fragmentação dos serviços e do atendimento às necessidades sociais. (CASTRO, 2013 p. 7-8).

Podemos destacar, o I Seminário Nacional de Residência em Saúde e Serviço Social, em 2016, antecedendo o 15º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. As questões debatidas no seminário constitui a importância do debate para a problematização para as residências uni e multiprofissionais: 1) a residência multiprofissional no contexto de precarização da política de saúde e educação; 2) desenvolver uma análise crítica da implementação das residências em saúde no país; 3) debate de preceptores e residentes para poder refletir sobre os principais desafios postos na atualidade; 4) debates realizados pelos três segmentos (tutores, preceptores e residentes) e indicar as questões presentes para a formação profissional no contexto das residências (CFESS, 2017).

### **1.3. Serviço Social e formação em saúde**

O Serviço Social enquanto uma profissão em formação em saúde, não deve perder de vista a identidade profissional bem como os seus fundamentos e o projeto ético-político da profissão. No final do século XX compreendeu no mundo do trabalho um conjunto de transformações em decorrência da crise mundial nas formas de acumulação do capital ao decorrer da ofensiva neoliberal. O Serviço Social sendo uma profissão da área da saúde, expressa na Resolução nº 218/2007 do Conselho Nacional de Saúde em suas proposições pela garantia da saúde como um direito universal no processo saúde-doença da população brasileira. Portanto, o Serviço Social constitui uma das 14 categorias multiprofissionais a favor da saúde universal, como: “direito de todos e dever do Estado” (SCHMALLER et al, 2012).

Segundo Silva (2020), não podemos discutir formação, via Residência, sem considerar as faces da política de saúde brasileira e sua relação com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, e, suas estruturas econômicas e sociais que iniciam a lógica do direito social no Brasil, – o objetivo da autora é apresentar as problematizações que conectam a Residência com a totalidade social e histórica. Todavia, a Residência Multiprofissional em Saúde consiste em conectar a formação em saúde e trabalho identificando as necessidades de saúde da população usuária como eixo norteador da qualificação de profissionais da saúde.

Esta formação ocupa um lugar estratégico podendo, sob uma ótica, contribuir para uma formação profissional multiprofissional no sentido da efetivação do SUS a partir das necessidades de saúde da população e da leitura de uma realidade social atravessada por desigualdades e inacessibilidade a direitos, como também, sob outra ótica, a formação pode ser utilizada como forma de substituição e precarização das condições de trabalho no SUS (SILVA, 2020, p. 152).

Os desafios para a formação profissional do Serviço Social na contemporaneidade como profissão, está inserida na divisão social técnica do trabalho, de dimensão investigativa e interventiva que atua no enfrentamento das diversas expressões da questão social. No entanto, é necessário a leitura e compreensão do trabalho em saúde, para alcançar uma análise da relevância do existir da profissão do Serviço Social na sociedade. Neste sentido, os desafios somam-se a alguns pontos: crescente divisão técnica do trabalho, a lógica de mercado e as demandas profissionais que se atualizam e se reveem no desenvolvimento de determinadas economias. Entretanto, as profissões continuam interligadas a lógica capitalista dentro desta movimentação histórica demandando em cada período suas análises (SCHWEITZER, 2008 apud, LANZA; CAMPANUCCI; BALDOW, 2012).

Na atuação do Serviço Social em diversas complexidades da realidade social que atravessam a formação dos Assistentes Sociais e Residentes da área da saúde, e, considerando, as diversas áreas de atuação da profissão relacionadas às Políticas de Saúde. Salientamos os elementos essenciais para a formação de uma base sólida em saúde, seguindo uma inserção qualificada no ensino, na pesquisa, extensão, que são uns dos elementos indissociáveis e fundamentais no processo de formação profissional a partir do projeto ético-político do Serviço Social para obter uma postura crítico-reflexiva na profissão (BASÍLIO; CAPUTI, 2017, p. 51).

Castro (2013), reforça a importância do projeto ético-político para a defesa da democracia, da justiça social e base para transformação das práticas profissionais e das políticas sociais:

A ABEPSS vem defendendo que a formação para a área da saúde deve ter como objetivos a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho e estruturar-se a partir da problematização do processo de trabalho e das necessidades de saúde da população, tanto individual como coletiva. A integralidade é marcada como um eixo

estruturante do processo formativo do profissional de saúde, tendo em vista que este conceito implica analisar criticamente as condições de saúde dos usuários e os elementos que estão velados nesse processo, ultrapassando as fronteiras entre o biológico, o social, o econômico e o psíquico (CASTRO, 2013, p.7).

Outra perspectiva para o Serviço Social e sua formação em saúde, são as Diretrizes Curriculares da ABEPSS, atualizada uma nota com as atuais Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social (com base no currículo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 08 de novembro de 1996) da antiga ABESS (Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social). Nas análises acima salientamos a importância da formação em saúde com o conhecimento da base teórica. Algumas propostas surgiram na Assembleia Geral Extraordinária com alguns apontamentos das Diretrizes Curriculares da ABEPSS: a) apontamento para a formação de um perfil profissional com capacitação teórico-metodológica, b) ético-política e técnico-operativa para a apreensão teórico-crítica do processo histórico como totalidade. Outro apontamento articula três Núcleos de Fundamentos da formação profissional: 1) Núcleo de fundamentos teórico-metodológico da vida social; 2) Núcleo de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira; 3) Núcleo de fundamentos do trabalho profissional (DIRETRIZES CURRICULARES DA ABEPSS, 1996).

A inserção do Serviço Social na RMS necessita da importância de uma Instituição responsável para uma formação crítica, teórica e político-pedagógica com uma formação pós-graduada para a qualificação dos trabalhadores em saúde. Por isso, Castro, Dornelas e Zschaber (2019, p. 462) assinalam que:

Importante destacar que, para a oferta de um Programa de Residência, deve haver uma Instituição proponente responsável pelo projeto pedagógico do Curso, seu desenvolvimento e avaliação. A disposição legal atual extinguiu a necessidade de articulação entre uma Instituição Executora e outra formadora para a oferta dos Programas, conforme as Resoluções da Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (CNRMS) nº7/2014 e nº1/2015. É necessário ainda que a Instituição proponente tenha uma Comissão de Residência Multiprofissional (COREMU) formada por representação da coordenação dos Programas, tutores, preceptores e residentes; e representação da gestão local de saúde.

A tutoria compreende uma atividade de orientação acadêmica de preceptores e residentes, a tutoria pode ser caracterizada como de núcleo e de campo, com exigência sua formação mínima abrange a pós-graduação de mestre

e a experiência profissional de 03 anos. A preceptoría está definida no artigo 13 da Resolução nº2/2012, suas atividades envolvem supervisão direta em práticas realizadas pelos residentes nos serviços de saúde. A exigência para exercer a função de preceptor deve estar vinculado às Instituições que ofertam o programa e ter formação mínima de especialista. O preceptor está diretamente ligado à supervisão e orientação dos residentes. Destacamos a responsabilidade em que o preceptor em articulação com o tutor se responsabiliza por observar os pressupostos dos projetos pedagógicos dos programas e avaliação dos residentes (CAPUTO; SILVA; TRISTÃO, 2019, p. 500-501).

### **1. 3. Estado da arte da produção do Serviço Social nas Residências emSaúde**

O relatório da pesquisa elaborada pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS, 2018), apresenta além do mapeamento do Serviço Social nas Residências em Saúde, o Estado da arte da produção da temática na profissão. Segundo o relatório, foram encontrados 17 artigos acadêmicos, anais dos Encontros Nacionais de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) e Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) – (46), produções de teses e dissertações (9). Foram analisadas um total de 71 produções das áreas de Serviço Social e Saúde que disponibilizam debates sobre o Serviço Social nos programas de Residência.

Os 17 artigos em revistas acadêmicas das áreas de Serviço Social e Saúde foram elaborados entre os anos de 2011 e 2017. Neste intervalo de tempo a pesquisa da ABEPSS encontrou as seguintes publicações:

As Revistas que apresentaram nesse período de tempo artigos com a temática pesquisada foram: Em Pauta (01 artigo), Katálysis (02 artigos), Libertas (02 artigos), O Social em Questão (01 artigo), Serviço Social e Saúde (07 artigos), Temporalis (01 artigo), Textos e Contextos (03 artigos). Com isso, percebemos uma maior quantidade de publicações justamente na Revista que congrega debates sobre o Serviço Social na área da Saúde. (ABEPSS, 2018, p.82).

As temáticas que envolvem os 17 artigos selecionados pela pesquisa ABEPSS estão voltadas para diversos temas; a supervisão, produção teórica, supervisão de estágio, Humanização, Participação Popular, Educação em Saúde, Integralidade e trabalho. Portanto, 7 Revistas acadêmicas das áreas de Serviço

Social, no qual possuem alguns debates sobre Residência Multiprofissional, neste sentido, reunimos o total de publicação (17) de cada artigo publicado por revista: a produção teórica do Serviço Social sobre a Residência (01 artigo), a supervisão de estágio em Serviço Social na Residência (01 artigo), o debate sobre a Humanização e a Residência (01 artigo), a Participação Popular e a Residência (01 artigo), Educação em Saúde e Residência (01 artigo), Integralidade e Residência (01 artigo), o trabalho profissional do assistente social na Residência (01 artigo), formação profissional do assistente social e Residência (03 artigos) e o debate que articula a formação e o trabalho profissional com a Residência (07 artigos).

Para a pesquisa “Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes”, foi realizado um novo levantamento que levou em consideração o resultado da pesquisa publicada pela ABEPSS (2018). Entre os anos de 2018 e 2020, tivemos 5 produções de artigos por 3 revistas (Katalysis, Serviço Social & Sociedade, Libertas), a Revista Libertas produziu em 2020 (1) e 2019 (2); a Revista Social & Sociedade produziu (1) em 2020, e a Revista Katalysis produziu (1) em 2018.

Nas produções identificadas para a pesquisa foram produzidos 12 artigos sobre a formação das residentes. As análises dos artigos publicados no levantamento dos temas no estado da arte da produção do Serviço Social, percebemos que o tema sobre saúde mental das residentes não foi abordado nas pesquisas anteriores as residentes na área de saúde como tema principal. A saúde das/os assistentes sociais que está sempre relacionada com a precarização do trabalho, o avanço do neoliberalismo, mas o período de pandemia do COVID-19, ora, remanejada toda a estrutura nos Hospitais, Caps e maioria dos serviços em saúde neste período atípico que podem causar nessas/es profissionais adoecimento por causa do trabalho (CASTRO *et al* 2019).

Iniciando o capítulo 2, com a perspectiva de contextualizar a construção das masculinidades negras nas residências multiprofissionais em saúde, a perspectiva da pesquisa e saber o lugar de ocupação desses homens negros. No contexto do Estado da arte da produção do Serviço Social nas Residências em Saúde, não conseguimos identificar produções que abordam o tema deste homem negro, na ausência, ou, no exercício profissional de assistente social residente.



## CAPÍTULO 2

### Masculinidades Negras, Serviço Social e Formação em Saúde

#### 2.1. A construção social da Masculinidade

Nas sociedades urbanas ocidentais, as masculinidades foram construídas por um grupo dominante masculino, branco, heterossexual e ocidental com poder e influência de marginalização do grupo dominado (SOUZA, 2013). Souza (2013) compreende a sociedade ocidental, principalmente, as que tiveram sua formação com base colonial. Um destaque relevante e predominante de uma masculinidade socialmente valorizada em sua formação, classifica uma masculinidade hegemônica com parâmetro heterossexual, branco e burguês. Neste sentido, o Brasil cresce nessa base patriarcal trazendo vantagens e privilégios de gêneros que não são compartilhadas baseadas em classe, raça, etnia e religião.

Connell e Messerschmidt (2013) abordam a complexidade no conceito de masculinidade hegemônica na revisão de alguns autores. Os autores sugerem a revisão em quatro áreas, em uma delas será enfatizada a interseccionalidade entre os níveis local, regional e global; portanto, seus olhares viabilizam a particularidade específica de privilégio e poder de cada região. Dentro desta complexidade os autores expressam bem como o perfil da masculinidade hegemônica foi construído no Brasil:

Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão. (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

A manutenção e a perpetuação da posição privilegiada da masculinidade hegemônica estão baseadas numa estratégia e capacidade de influenciar suas concepções de mundo, valores, cultura, ética, beleza, conhecimento e padrões de comportamentos que sejam legitimados como superiores e/ou universais (SOUZA, 2017, p. 2). Neste sentido, Souza (2017) fala sobre o conceito de “falomaquia”: disputa de recursos, prestígios e poder pela masculinidade entre homens brancos

e negros, forjando a masculinidade hegemônica sobre a masculinidade negra, fazendo com que esses dois grupos estejam sempre em posições antagônicas.

Campos (2019) explica através dos estudos de Raewyn Connell de forma mais detalhada o posicionamento de padrões principais das masculinidades hegemônica na ordem de gênero, trazendo as divisões hierárquica da masculinidade hegemônica ligada à legitimidade do patriarcado:

Raewyn Connell, estudiosa australiana sobre relações de gênero, apresenta quatro padrões principais de masculinidade na ordem de gênero: a hegemônica, a subordinada, a cúmplice e a marginalizada. A masculinidade hegemônica seria aquela ligada à legitimidade do patriarcado, que garante a dominação dos homens e a subordinação das mulheres. A masculinidade subordinada diz respeito à dominância e subordinação entre grupos de homens, como é o caso da dominação dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais. A masculinidade cúmplice se define pela conexão com o projeto de masculinidade hegemônica, mas sem a completa incorporação deste projeto. São masculinidades cúmplices porque percebem e desfrutam de algumas vantagens do patriarcado sem, no entanto, defenderem publicamente esta posição. A masculinidade marginalizada refere-se a relações entre as masculinidades e classes ou grupos étnicos dominantes e subordinados; é uma masculinidade que está marginalizada devido à condição subordinada de classe ou raça (CONNELL, 1995, apud, CAMPOS, 2019, p. 235)

A construção social das masculinidades negras no Brasil não pode se distanciar do contexto histórico de nossa formação social, estrutural e econômica de nossa formação como sociedade. Suscetíveis as tarefas pesadas e de extrema exaustão de um período de mais de 300 anos de escravidão, oriundo desta masculinidade hegemônica branca, então, como podemos caracterizar as representações e ocupação dos homens negros no contexto de nossa sociedade? Neste contexto, com o surgimento teórico da democracia racial surgida nos anos 1930, cresce os estereótipos subjetivando sujeitos e construindo modos como racismo científico e a aparente inexistência de discriminação racial no país (STAUDT, SILVA, MAGALHÃES, 21018, p. 487).

A partir de marcadores de gêneros e raça Staudt, Silva e Magalhães (2018), analisam as representações do homem negro na revista Educação Physica entre 1939 e 1944, período, em que, as lideranças da revista eram filiadas ao partido da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político de inspiração fascista, esses interesses estavam diretamente ligado a interesses políticos e conceito de raça, a educação estava ligado à pretensão que o Estado queria implantar o domínio da

democracia racial brasileira. Contudo, a democracia racial e a negação do racismo brasileiro estavam atravessadas por uma política de branqueamento inspirado no racismo e na xenofobia dos regimes nazista e fascista, médicos, eugenistas, políticos e intelectuais da vanguarda brasileira (CARNEIRO, 2013; SILVA, 2008, *apud* STAUDT; SILVA; MAGALHÃES, p. 486, 2018).

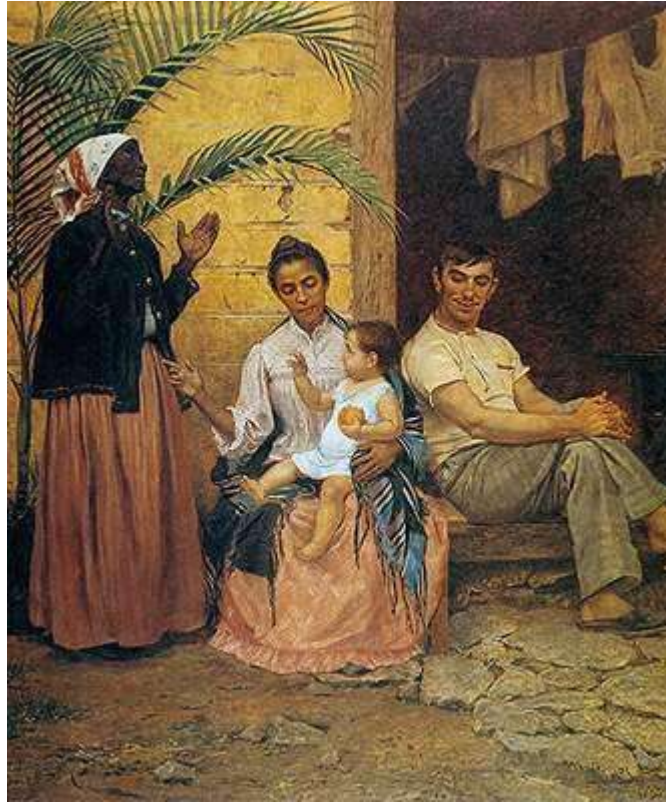
Souza (2013) expressa bem sobre a questão da política de branqueamento na história da formação social brasileira, classifica uma masculinidade desejada diretamente ligada às relações de poder. A masculinidade hegemônica se relaciona com o mito, em que, o sucesso do projeto de progresso do Brasil, está relacionado com o processo de embranquecimento do país. Neste sentido, a construção social dos padrões criados e mantidos está sempre relacionada para a permanência do poder, sendo assim, sempre ditado pelo grupo dominante, pois a marginalização beneficia o grupo dominante a permanecer estabelecendo poder sobre o grupo dominado.

No Brasil, também havia um grande temor com a aproximação da inevitável abolição da escravatura; a libertação dos escravos despejaria uma horda de homens semibárbaros na sociedade (Azevedo, 1987: 68) e, com a Proclamação da República, a elite política e econômica brasileira via os africanos e seus descendentes como obstáculos à construção do Brasil como nação moderna. A solução imaginada por essa elite, influenciada pelas teses científicas do darwinismo social e pela eugenia, foi promover o branqueamento da população, através da imigração de europeus. Para isso, o Estado Brasileiro incentivou a imigração europeia, com financiamento das passagens e promessas de terras para os que quisessem se estabelecer por aqui. Com esta política pública de 1890 a 1920, entraram aproximadamente 3,99 milhões de imigrantes europeus em cerca de quarenta anos. Para que se tenha uma ideia, para o Brasil, ao longo de três séculos, foram trazidos para ser escravizados cerca de quatro milhões de africanos (Bento, 2002: 32). (SOUZA, 2013, p. 37, 38)

A miscigenação foi algo elaborado pela elite latifundiária do país, no final do século XIX, os intelectuais eugenistas identificam o negro como um problema para o Brasil, esses intelectuais apresentam a miscigenação como solução do problema: dizendo que o sangue dos imigrantes seria superior ao sangue dos africanos e seus descendentes. Essas crenças foram bem retratadas em livros, na literatura e nas pinturas do século XIX.

Destaco a Redenção de Cam, pintado por Modesto Brocos, na tela uma senhora negra com sua filha parda e um homem branco sentado, e a filha com uma criança no colo com a cor branca agradecendo que o neto estava livre da maldição

da pele negra. O quadro *Redenção de Cam* faz referência à maldição que Noé proferiu sobre seu filho Cam, fazendo dele escravo de seus irmãos. Todavia, essas interpretações racistas se tornam um projeto da elite brasileira de embranquecimento com o apoio do Estado Brasileiro (SOUZA, 2013).



A Redenção de Cam - Modesto Brocos

Azevedo (1987) argumenta sobre nossa construção social carregada de distinção racial na história do negro, conseqüentemente, carregada de estereótipos: como existisse em seu sangue uma inferioridade mental em relação aos brancos, os negros sempre sendo julgados por circunstâncias da escravidão e suas conotações malélicas no pós-abolicionismo, todavia, por uma política de branqueamento e favorecimentos aos imigrantes trazendo em consequência a estrutura que existia no Brasil devido: “A onda negra, medo branco” após a Revolução do Haiti. Uma dessas estruturas (Almeida, 2019, p. 41), baseia-se no racismo estrutural constituído de um complexo imaginário social reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional, que através de uma política de exclusão traz apontamentos de perdas econômicas,

habitacionais e educacionais para a construção e crescimento das masculinidades negras no Brasil. Azevedo salienta bem essa estrutura histórica:

Ao final de contas a distinção racial em termos de inferioridade mental do negro permanece, embora não tenha partido de argumentos especificamente racistas. O negro é inferior (não tem bom sentimentos, não liga para a liberdade, não tem apego aos que são próximos) e vai ser inferior ainda por muito tempo porque carrega nas veias “sangue escravo”. Na análise propriamente racista bastaria trocar este último termo por “sangue africano” (AZEVEDO, p. 225, 1987).

Segundo Frantz Fanon, o homem negro é, antes de homem, negro. Para Fanon, existem dois campos que o homem negro precisa se libertar de si mesmo, esses dois campos são o homem branco e o homem negro. Na construção da sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, o autor contextualiza a tendência do duplo narcisismo entre negros e brancos. O branco na sua hegemonia incita em assumir a condição de ser humano, por sua vez, o negro quer ser branco. Portanto, o branco está fechado na sua brancura, o negro na sua negrura (FANON, 2008, p. 27). Neste contexto, o homem negro ocupa um espaço ambíguo, entre a opressão e o oprimido, transitando de maneira disforme entre os dois extremos, o racismo e o patriarcado.

Como citado nos parágrafos acima, analisando o surgimento teórico da democracia racial no Brasil nos anos 1930, os estereótipos, subjetivando sujeitos (negros) na construção de modos como o racismo científico (estrutura biológica), apoiada por uma estrutura que dialogava com princípios fascistas representada pelas lideranças da revista Educação Physica ligada ao partido AIB, interligadas ao conceito de raça. Neste sentido, é necessário sabermos a origem da primeira constituição do espaço/tempo de um padrão de poder de identidade na modernidade como ideia de raça na dominação portuguesa e espanhola na América e como essa gênese influenciou o racismo estrutural e estruturante da sociedade brasileira.

Quijano (2005) analisa a formação das relações sociais no seu sentido moderno em relação à colonização das Américas nas suas relações de poder. Quijano afirma que as formações e relações sociais fundadas nas Américas produziram historicamente pela primeira vez identidades sociais novas. Essas identidades estão relacionadas diretamente as hierarquias de poder como termos:

brancos (os colonizadores chamaram a si mesmo de brancos), índios, negros, mestiços, entre outros. Logo, no imaginário colonial, raça e identidades raciais foram estabelecidos como instrumentos de hierarquia social básica da população, através da cor e dos traços fenóticos, os colonizadores estabeleceram domínio sobre os colonizados de legitimar as relações de dominação impostas pela conquista.

Mbembe (2014), em sua obra "Crítica da razão negra", acrescenta outro detalhe que caracteriza essa construção hierárquica de poder na modernidade, em que, pela primeira vez na história humana, o princípio de raça foi instaurado sob o signo do capital. As formações das relações sociais nesse imaginário moderno de hierarquização da raça constituíram nos colonizadores, não olhando nosso semelhante como a si mesmo, essa relação pautada nas relações de poder estabelecidas pelas conquistas de territórios nas Américas. (Mbembe, 2014, p. 31).

Achille Mbembe: menciona o "alterocídio", no sentido hierárquico das relações sociais de poder tendo o outro como um objeto ameaçador:

Quanto ao resto, trata-se do que se apazigua odiando, mantendo o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o **Outro não como semelhante a si mesmo**<sup>1</sup>, mas como objecto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir, devido a não conseguir assegurar o seu controlo total. Mas, tal como explica Frantz Fanon, a raça é também o nome que deve dar-se ao ressentimento amargo, ao irrepreensível desejo de vingança, isto é, à raiva daqueles que lutaram contra a sujeição e foram, não raramente, obrigados a sofrer um sem-fim de injúrias, todos os tipos de violações e de humilhações e inúmeras ofensas (MBEMBE, 2014, p. 26)

Neste sentido, estamos compreendendo que a construção social das Masculinidades Negras está amalgamada na raiz da formação colonial nas Américas, também na estrutura da construção do racismo estrutural que vivemos em nossa atualidade, e nas crises de identidades que o negro convive desde o período da colonização, como Fanon narra no capítulo III; O Homem de cor e a branca, na obra: Pele negra, máscaras brancas. O personagem de Jean Veneuse expressa bem nessa crise por ter sido despachado (sic) para a França ainda um menino, por está naquele momento na condição de pedinte, de não ter um lugar

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

próprio em parte alguma, de se sentir inadequado em qualquer lugar. O branco não o reconhece como um dos seus, e a quase renegação dos irmãos negros (Fanon, 2008, p. 77). Essas relações estão intrinsecamente relacionadas com as relações coloniais raciais de poder e também das relações econômicas, trazendo confusão existencial na vida da população negra, como diz Mbembe (2014).

Neste sentido, Faustino e Ribeiro (2017), em “Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora”, falam sobre o olhar não colonial, como esses homens negros reconstruíram as suas masculinidades dissociadas do olhar do colonizador. A crise de identidade do homem negro se relaciona segundo os autores numa dicotomia, isto é, como é para o homem negro ser um problema, mas não para o negro em si, mas sim, aos olhos do branco. As masculinidades negras ganham grande aporte neste olhar negro sobre si, constroem a maneira de ser homem negro, sem a influência do colonizador. O negro vida coloca as masculinidades negras em busca de uma autonomia no meio dessas contradições da ordem patriarcal vigente.

Discutir masculinidades negras é seguir os desafios do que Guerreiro Ramos (1995: 215) codificou como negro-vida, um sujeito que “não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme” e que se opõem ao “negro tema”, uma coisa examinada de fora”. Ao descrever uma prática persecutória vivida por homens negros que os identifica como seres “destituídos de todas as sensibilidades e sensitividades”, Louis Gates Jr (2001: 245) parece dialogar longinquamente, com a ideia “círculo infernal” de que fala Fanon, especialmente quando sugere a existência de uma narrativa pública que retrata homens negros como corpos ansiosos pela auto-realização e por um lugar de respeitabilidade patriarcal na vida pública que não se completa. Essas aparições fazem surgir outra armadilha: uma ideia também persecutória de pensar a auto-realização de ordem patriarcal do Eu entre homens negros que tem omitido outras maneiras de ser homem negro que tencionam esta ordem, bem como outros modos de pensar, ser e interpretar os paradoxos e contradições sobre si contra essa ordem (RIBEIRO, FAUSTINO, 2017, p. 168).

O negro tema está relacionado diretamente como a história foi construída e como essas masculinidades negras eram vistas e classificadas. Faustino e Ribeiro contextualizam a tematização das masculinidades negras como um problema que se reproduz também nos espaços que procuram advogar em sua defesa. Os autores fazem uma crítica a Florestan Fernandes, o autor classifica o negro em sua obra “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, a não integração dos negros no mercado de trabalho na sociedade inclusiva como um ser com ausência de habilidades funcionais, desorganização da família negra, incompetências nas

ocupações de trabalho industriais, trabalhadores volúveis, biscateiros ocasionais e parasitas econômicos de mulheres negras. (RIBEIRO, FAUSTINO, p. 168, 169).

Ribeiro e Faustino ampliam a visão do debate do negro tema através da obra de Clóvis Moura, tanto na *Dialética Radical do Brasil Negro* (1994), ou na *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988), os autores analisam a visão de Moura com o olhar mais ampliado das masculinidades negras dissociada do olhar do colonizador, os autores evidenciam que no período escravista os negros ocupavam a maioria absoluta dos postos de trabalho - evidenciando o trabalho livre. Neste contexto, o que os autores estão querendo nos mostrar no pensamento de Moura, envolve a desorganização familiar e todos os pontos pejorativos aos negros - é que esses pontos são resultados e não causa - resultados de uma economia brasileira pós abolição, em detrimento, da mão de obra negra pela mão de obra dos imigrantes europeus nas estruturas de produção do Brasil.

Na parte econômica podemos destacar o capítulo escrito por Karl Marx (2013) pela editora Boitempo no livro, *O Capital: Crítica da economia política*, no capítulo intitulado como acumulação primitiva que se resume na produção de um capital novo, onde a estrutura econômica surgida na sociedade feudal criou-se os elementos para a estrutura econômica da sociedade capitalista, portanto, este processo abriu as portas para a reprodução do capital no seu ponto de partida, ou seja, denominada acumulação primitiva no sentido de constituir a pré-história do capital, uma acumulação que não é resultado do modo de produção, mas transformou os meios sociais de subsistência e, por outro, converteu os produtores/camponeses agrícolas em trabalhadores assalariados (Marx, 2013, p. 961).

Neste período que Marx chama de acumulação primitiva, o autor salienta sobre o novo mercado mundial criado pelas grandes descobertas no fim do século XV, juntos o enriquecimento e crescimento considerável dos países europeus em específico a Inglaterra, e cidade como Liverpool cresceram graças ao tráfico de escravos. Na escravidão moderna, não há relações de produção capitalista, não há venda de força de trabalho. O que é comercializado no mercado é o ser humano, o escravo. Com as trocas das manufaturas em ascensão, as colônias garantiam um mercado de escoamento e o monopólio do mercado. O escravizado é nítido



que não tenha nada que possa trocar; pois ele é expropriado de tudo, inclusive de seu próprio corpo. Esse corpo não lhe pertence e é comercializado, pelos colonizadores brancos, como mercadoria.

Todas essas questões geraram nos dias de hoje na nossa realidade brasileira questões estruturais de racismo e, um ponto importante deixado pelo legado de Marx – a luta de classes e as desigualdades sociais de caráter estrutural e sistêmico, a desigualdade entre brancos e negros na sociedade brasileira é inquestionável e persiste com a fragilidade das políticas públicas no seu enfrentamento. Silvio Almeida (2018), em sua obra “O Que é Racismo Estrutural?”, seus escritos sobre raça, racismo e especialmente sobre desigualdades sociais estruturantes, o autor aborda em sua introdução no capítulo sobre racismo e economia, Almeida expressa que a economia pode responder inúmeras questões de como a nossa sociedade se organiza de uma forma desigual:

Estas questões demonstram, em primeiro lugar, que a ideia de desigualdade é um ponto nodal das teorias econômicas, as quais não poderão ignorá-la, e, em segundo lugar, que a economia só pode tentar responder a essas questões apelando para a política, a ética, a sociologia e o direito. A desigualdade pode ser expressa em dados estatísticos e quantificada matematicamente, mas sua explicação está na compreensão da sociedade e de seus inúmeros conflitos. (ALMEIDA, 2018, p. 121).

Uma questão muito clara que expressa as desigualdades, classes e o privilégio da parte econômica em nossa sociedade, e saber entender o funcionamento histórico da mesma. O assunto sobre a sociedade brasileira é muito extenso e complexo, portanto, numa questão em que Silvio de Almeida aborda com propriedade para entendermos o racismo estrutural e estruturante da nossa sociedade, são as cotas raciais. Embora, um dos pilares do racismo e da desigualdade social seja a educação, Almeida expressa que muitas pessoas foram contra as cotas, após a posse do atual presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro, a rejeição de alguns temas e as cotas, influenciada pelas redes sociais aumentaram de forma significativa.

Outro ponto salientado por Silvio Almeida nas questões das ações afirmativas através das cotas, quando o/a negro/a entra por cotas nas universidades privadas e públicas, por ser um lugar de formação técnica e científica para o trabalho, seria a estadia desses/as alunos/as que deveriam proporcionar a

eles uma saúde mental mais saudável, em situações que não acontecem. Almeida salienta que infelizmente é um espaço de privilégios e destaque social, um lugar que no imaginário social produz um racismo alimentado pelas pessoas brancas e suas estruturas, as mesmas lutam de forma acentuada para manter seus privilégios e não deixarem o avanço dos corpos discentes e docentes negros e negras avançarem (ALMEIDA, 2018, p. 130).

No item 2.2 iremos contextualizar melhor a estrutura racial que abordamos no capítulo acima, como este homem negro com estereótipos de selvagem, agressivo, preguiçoso e outros adjetivos como negro tema, isto é, entender como este homem negro foi atravessado por essas estruturas desde a abolição da escravatura, e seu processo de luta a se enxergar como negro vida. Analisar como esse assistente social masculino e negro será recebido por equipes, usuários e profissionais em uma residência, em que, os seus corpos já são rejeitados. No senso comum estes homens não estão aptos para trabalhar com mulheres, crianças e adolescentes. Então, por qual campo de trabalho andam esses homens negros? É nesses desafios que a pesquisa procura alcançar respostas.

## **2.2. Masculinidades negras e suas (des)humanidades: ainda em dados estatísticas**

Neste item trataremos de uma abordagem que atentarà ao silenciamento, apagamento, ou, a invisibilidades desses corpos negros nas Residências Multiprofissionais em Saúde, neste sentido, a intencionalidade é mostrar onde encontramos estes corpos na formação econômica social brasileira, isto é, mediante ao racismo estrutural que fundamenta a nossa sociedade e, quais postos de trabalhos ocupam? O objetivo da pesquisa não tem por finalidade justificar a ausência de homens (negros), em detrimento a profissão de Assistente Social ser de predominância feminina, pelo contrário, o objetivo é mostrar a ocupação destes homens na divisão social racial do trabalho no sentido cunhado por Marx, em O Capital (2013), presente em todas as sociedades complexas em relação ao gênero. É também uma breve contextualização histórica da profissão do Serviço Social ser de predominância feminina, desde a sua origem, para podermos entender a ausência desses corpos negros numa profissão técnica e, nas profissões que necessitam de graduação.

Para contextualizarmos essa questão da predominância feminina na profissão do Serviço Social, Mirla Cisne (2004), na defesa de sua dissertação, Cisne menciona que a gênese do Serviço Social está ligada ao emergir da “Questão Social” em função da vinculação histórica com tratamento via política social, com destaque para a assistência social. Cisne menciona o avanço do capitalismo nas primeiras décadas do século XX, e também a consciência dos pauperizados e da classe trabalhadora em relação à desigualdade social, através de greves e lutas por direitos, portanto, passam a confrontar a ordem burguesa e não aceitá-la com conformismo. A partir da consciência e perspectiva efetiva de uma emersão da ordem burguesa, que o pauperismo se designou como “Questão Social” (NETTO, 2001, p. 43 apud Cisne, 2004).

A assistência social em seu contexto histórico brasileiro esteve relacionada à feminização, isto é, sempre relacionada às mulheres da burguesia com referência às 1ª damas, neste sentido, quem assumirá o papel de cuidado da questão social e dos pauperizados? Portanto, a gênese da profissão se dá com mulheres brancas e da elite. Carla Akotirene (2019), contextualizando sobre identidades de gênero em sua obra “Interseccionalidade”, a autora menciona a sensibilidade da mulher negra, mesmo negada a sua humanidade africana, lutaram a favor do sufrágio, contra a dominação masculina hegemônica, contra as violências sofridas por mulheres brancas e o racismo imposto aos homens negros. Akotirene argumenta sobre discursos masculinos hegemônicos de ordem patriarcal serem responsáveis por colocar as subjetividades femininas como uma categoria de Outro: filhas obedientes, boas esposas, mães compulsórias e cúmplice de sua própria violência (AKOTIRENE, p. 30, 2019).

O Serviço Social não surge única e exclusiva da assistência social, ou seja, de uma simples evolução linear de caridade voltada integralmente para a ajuda, mas emerge das condições do capital monopolista envolvendo seus processos, econômicos, sociopolíticos e teórico-culturais (NETTO, 1996 apud CISNE, 2004). Com o imbricamento da relação entre Serviço Social e Assistência Social, a questão social no governo Vargas fica em responsabilidade do Estado. O Estado utiliza a figura da mulher em uma sociedade estruturada no patriarcalismo, isto é, a base na qual o país foi construído, ideologicamente difundidos pela igreja católica

para assegurar o controle da questão social, e retirar do Estado a responsabilidade da questão social e deixar o Serviço Social imbricados com as características conservadora da religião católica sem uma visão crítica da questão social (CISNE, 2004).

Neste sentido, o Serviço Social avança como uma profissão constituída em sua maioria por mulheres, que vai se transformando junto com essas contradições estruturais de nossa sociedade, em que, envolvem desigualdades de gênero, raça, patriarcado e a feminização da profissão. Simões e Zucco (2010), discutem a presença de homens e mulheres, negros/as e brancos/as na universidade brasileira, através de dados demográficos a partir dos anos 1970 (onde o Serviço Social começou a constar como profissão), até o ano 2000, o serviço social está entre as cinco profissões mais femininas do Brasil. Os autores salientam que os dados não significam somente o início da profissão, mas a sua reatualização é constante.

Nessa contextualização histórica da profissão, onde estão os assistentes sociais homens/negros nas residências multiprofissional? Simões e Zucco mostram dados regionais da cidade do Rio de Janeiro com alunos de 6 universidades que se encontram no Estado do Rio de Janeiro, dentro dessas 6 universidades os dados demográficos mostram que os alunos de Serviço Social no ano de 1999, todas as universidades apontaram mais de 90% de alunos do sexo feminino. Outro apontamento comparando com os dados de 1999 - com os dados de 2006 - 2007 - das 6 universidades permaneceu a maioria do percentual de mulheres acima de 90% no serviço social, isto é, em 4 universidades apontaram acima de 90% e 2 apontaram acima de 85%.

Martins (2014) aponta para os indicadores sociais direcionado ao trabalho informal como classe de trabalhadores/as negros/as brasileiros/as, ainda que, assumiram alguns lugares de destaque na questão social, onde o Serviço Social tem como base o seu exercício profissional. Todavia, o autor aponta que somente uma parte minoritária do Serviço Social brasileiro coloca esforços em pautas sobre o racismo estrutural no país, sabendo-se, que a população negra até 2014 tinha 50,7% da população brasileira. Martins sinaliza esta situação somente para

salientar a importância da questão social no Serviço Social, onde o racismo se encontra como uma das bases.

[...] Ao determinar o “lugar” do(da) negro(a) na informalidade, no desemprego e nas relações de trabalho precárias, o racismo limitou/impediu os(as) trabalhadores(as) negros(as) de participarem da constituição política da “questão social”. (MARTINS, 2014, p. 113)

Neste sentido, o racismo não atingiu de forma igualitária o desemprego entre brancos e negros, historicamente mostra que a construção do desemprego está baseada no racismo estrutural de base: as leis de terras (1850) como impossibilidades do negro comprar terras, uma República estruturada numa base latifundiária sem estrutura de base para os negros libertos, como saúde, educação e habitação, e, por fim, a mão de obra negra ficaram com os trabalhos subalternos e informais. Martins informa sobre o ideário da formação da sociedade brasileira estruturada na branquidade, o/a negro/a nada tinham para contribuir com o crescimento social e econômico do país. O autor relata que a política de imigração europeia viabiliza um movimento desejado de branqueamento da população. Na cidade de São Paulo até aproximadamente 1920, os estrangeiros continuavam sendo maioria com 52% de trabalhadores industriais, e os restantes dos 48% eram filhos de imigrantes, provando a preferência que os donos das indústrias tinham pelos imigrantes (MARTINS, 2014, p. 118).

Com base nos dados da PNAD contínua 2019 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), o estudo Síntese de Indicadores Sociais - IBGE, mostram que pretos e pardos têm maiores taxa de desocupação e informalidade do que os brancos. Em 2019, os dados apontam a taxa de desocupação de 9,3% para os brancos, e 13,6% para pretos e pardos. Entre as pessoas ocupadas, o percentual de pretos ou pardos em ocupações informais chegou a 47,4%, enquanto entre os trabalhadores brancos foi de 34,5%. A participação de pretos ou pardos em trabalhos característicos da informalidade, se torna bem maior, como por exemplos: agropecuária, com 62,7%, construção com 65,2% e serviços domésticos, 66,6%.

Quanto aos indicadores sociais para o sistema carcerário de pessoas pretas, podemos dizer que foi uma construção histórica, após a proclamação da República o Código Penal de 1890 tipificou como crime a vadiagem quanto a mendigagem. Ribeiro (2020) identifica o Código de 1890 como uma ferramenta de punição e

mecanismos de controle social frente às transformações do período, indicando uma construção burguesa do trabalho para obrigar a população a trabalhar. A origem que justifica a exclusão dos escravizados e seus descendentes de não servirem de mão de obra por serem preguiçosos vem desse contexto, por isso, a legislação penal para inibir o ócio, criou meios de penalização para mendigos, ébrios, vadios e capoeiras. Os únicos a lutar por igualdades e democratização social foram os abolicionistas:

Somente o movimento abolicionista propôs a adoção de outras medidas além da abolição que acreditavam possibilitar a modernização do país, demonstrando seu caráter reformador. Sem prejuízo de Joaquim Nabuco ter tentado encaminhar a questão no parlamento, conforme já mencionado, André Rebouças foi o responsável pelo estudo econômico que propunha a democratização rural como forma de integrar a força de trabalho tanto como libertos, imigrantes, nacionais livres em situação de vulnerabilidade (RIBEIRO, 2020, p. 76, 77).

A lei dos Sexagenários, promulgada em 28 de setembro de 1885, garante liberdade aos escravizados com a idade de 60 anos ou mais. O que quero chamar atenção nesta lei, é que o liberto ainda teria que pagar uma dívida concedida pelo Estado: todo o escravizado liberto, a partir da lei, que tivesse 60 anos, teria que trabalhar para o seu senhor de 3 a 5 anos para pagar a indenização por sua libertação. A interpretação desta lei está relacionada, onde qualquer negro que não trabalhasse, não conseguisse emprego, ou não se mantivesse na fazenda como escravizado, mesmo livre, seria considerado um “vagabundo” e seria preso pela polícia.

Esta foto foi registrada em 1982 feita pelo fotógrafo Luiz Morier com homens de cor preta, moradores dos morros do complexo do Bairro do Lins de Vasconcelos, no Rio de Janeiro. A foto é registrada na estrada Grajaú-Jacarepaguá quando Fábio passava pelo local. A foto retrata um policial com 7 homens, todos negros, enfileirados com laços de cordas no pescoço, fazendo um paralelo com o período da lei do século XIX, mostra que essa dívida da lei dos Sexagenários mesmo sublinaramente, ainda existe. Fábio Morier ganhou o prêmio “Esso” de fotografia, um dos prêmios mais importantes de sua época. Em uma das inúmeras entrevistas da época, Fábio relata que os homens estavam com carteira de trabalho nas mãos.



Foto - Luiz Morier, 1982

O debate sobre o sistema carcerário brasileiro, segundo Juliana Borges (2019), não pode jamais abster-se da questão racial como elemento base de ponto de partida, inclusive para a Justiça Criminal do Brasil é necessário ter esse ponto de partida em suas análises jurídicas. No pós-abolição, o negro ficou privado de vender a sua força de trabalho, com todo processo histórico de escravidão, este indivíduo sempre foi usado por todo este período como corpos explorados, e sem uma política pública para esses cidadãos. Juliana expressa sobre o controle dos corpos negros, foi aplicada para esses indivíduos a “pedagogia do medo”, na qual está imbricada, o constrangimento, a punição, a violência e a coerção. Podemos dizer que o sistema criminal brasileiro já nasce punitivista.

Podemos ver já aí o embrião, articulado cada vez mais ao desenho de uma Justiça que tem como braço de ação a polícia, o início do que viria, em décadas seguintes, como marcada criminalização. Os discursos, contudo, não se apresentavam como vigilância e repressão em relação à população negra, mas sempre como em relação aos “menos favorecidos” e com teor ideológico e de estereótipo das massas como elementos para exercício de controle. Os cultos de origem africana, vistos como espaços potenciais de reunião, foram proibidos sob o argumento de que perturbavam a ordem pública. Diversas eram as leis municipais que estabeleciam e vedavam a livre circulação de escravizados ou libertos, estabeleciam necessidade de passe para os já libertos e que, em alguns casos, até proibiam direito de adquirir imóvel e propriedade. (BORGES, 2019, p. 50.)

De acordo com o Infopen, um sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro desenvolvido pelo Ministério da Justiça, o Brasil está entre as 4 maiores populações carcerárias do mundo. O sistema carcerário tem em sua estrutura de ocupação de aproximadamente 700 mil presos sem a infraestrutura para comportar este número. A realidade do sistema é de celas superlotadas, alimentação de forma precarizada, violência, situação que faz do sistema carcerário um grave problema social e de segurança pública.

Essas informações do Infopen abrangem até o ano de 2018, que além da precariedade do sistema carcerário, as políticas de encarceramento se voltam, em via de regra, para a população negra e pobre. Entre os presos, 61,7% são pretos ou pardos, sendo que 53,63% da população brasileira é constituída de negros e pardos. Os brancos, inversamente, são 37,22% dos presos, enquanto são 45,48% na população em geral. De acordo com o Departamento Penitenciário Nacional (Depen), em 2014, 75% dos encarcerados tinham o ensino fundamental completo, um indicador de baixa renda.

Mediante ao contexto histórico do negro na construção social do país, através da pesquisa em construção, vimos que o negro se destaca em porcentagem, na sua maioria ocupando trabalhos informais e no sistema carcerário; mediante as consequências do contexto histórico brasileiro, o objetivo desta pesquisa é saber a ocupação dessas masculinidades, onde encontraremos esses corpos em nossa sociedade? Quando caminhamos pelas ruas do Rio de Janeiro e pelas ruas de grandes capitais, basta uma caminhada para chamar a nossa atenção de pessoas em situação de rua, nos bancos, embaixo de alguma marquise ou pedindo algo para se alimentar. Porém, quando paramos pra dar conta de quem são essas pessoas, vamos ver que sua maioria são negros e pardos. A pesquisadora da ENSP (Escola Nacional de Saúde Pública), Roberta Gondim dá a resposta do nosso processo de formação econômico-social e salienta que é ancorado na diferenciação de lugar e valor de sujeitos e corpos, fundamentado na distinção de raça/cor – o racismo.

De acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social, o Censo de População em Situação de Rua da Cidade do Rio de Janeiro 2020, neste



levantamento identificou 7.272 pessoas em situação de rua na cidade. Entre elas, 75,2% (5469) estavam nas ruas e 24,8% (1803), em unidades de acolhimentos e comunidades terapêuticas. Segundo a secretaria, 752 pessoas responderam ter ido para as ruas depois do início da pandemia provocada pelo Covid-19. O Censo identificou que o perfil dominante é de homens, negros, com idade entre 18 e 49 anos, e 40,1% nascido fora do Rio de Janeiro, com maiores movimentações nas ruas em bairros como Copacabana, Centro e Lapa. Principais motivos que levaram essas pessoas para as ruas: conflitos familiares, incluindo separação; alcoolismo e/ou uso de drogas; demissão do trabalho/desemprego ou perda da renda.

Segundo os dados da Síntese de Indicadores Sociais (SIS), que teve como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua, de 2019, o percentual de pretos e pardos em 2019, chegou a 47% do mercado informal no Brasil. Mediante a informação, a informalidade e pobreza atingem mais mulheres, homens pretos e pardos. 70% dos que estão abaixo da linha de pobreza, vivendo com menos de dois dólares ao dia, são negros ou pardos.

Outro ponto a ser colocado é o genocídio da população negra - o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em sua pesquisa mostrou que a população negra é mais jovens, tem mais filhos em sua adolescência e juventude e é mais pobre. A população jovem, negra, está mais exposta à mortalidade por causas externas, como homicídio do que a população branca. Em 2018, 75,7% das vítimas de homicídio no Brasil eram negras. No contexto histórico, de 2008 a 2018, o número de homicídios de pessoas negras no país aumentou 11,5%, já entre pessoas não negras caiu 12,9%.

No Atlas da Violência (2021), discorre que as mortes violentas ocorridas no Brasil, não se caracteriza como novidade e nem um fenômeno, o Atlas se refere ao crescimento de homicídios entre a população negra como uma crescente desde a década de 1980, e confirma com seus dados recentes, as temáticas que o movimento negro tematizam a questão de violência da população negra crescer no país nesse mesmo período da década de 1980. Esse ponto crescente de estudo é abordado de diversos modo pelo coletivo: em (1978-1988), cresce a discriminação racial, em (1989-2006), cresce a violência racial e (2007-2018), o crescimento do genocídio negro.

Na temática da taxa de homicídios dentro do Atlas da Violência (2021), em 2019, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nos seus resultados, divulgou que a soma dos pretos e pardos representam 77% das vítimas de homicídios. No último ano recorrente da pesquisa do IBGE, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi de 162% maior que entre não negras. As taxas de homicídios entre 2009 e 2019, apresentam uma diminuição de 20,3%, sendo que entre negros houve uma redução de 15,5% e entre não negros de 30,5%.

Em detrimento da população jovem e negra, a evasão escolar também atravessa essa população, dos 10 milhões de jovens brasileiros entre 14 e 29 anos de idade em caso de abandono escolar sem ter completado a educação básica, 71,7% são pretos ou pardos. Os dados do Pnad Contínua da Educação 2019, mostram que o Brasil não avançou na desigualdade educacional entre negros e brancos e homens e mulheres não conseguindo diminuir a desigualdade educacional. A pesquisa anual do IBGE, mostra que jovens negros passam, em média, quase dois anos a menos na escola (8,6 anos) do que brancos (10,4). A taxa de analfabetismo é quase três vezes maior entre os negros. A população com mais de 15 anos não sabe ler nem escrever, isto é, de quase 10 a cada cem negros, enquanto entre brancos são 3,6 analfabetos.

Para finalizarmos as estatísticas em termos quantitativos, esses corpos negros se encontram a margem de uma sociedade, em que, o racismo estrutural se encontra como ponto de partida na formação social brasileira. As prisões por equívoco fotográfico têm atingido uma porcentagem considerável da população negra. Um levantamento feito pelo Condege entidade que reúne defensores públicos de todo país, e também pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro mostra que os negros são, de longe, as maiores vítimas desse tipo de erro. A pesquisa relata que 83% dos negros estão na estatística de quem foi preso injustamente por reconhecimento fotográfico.

Na parceria CFESS/CRESS e Universidade Federal de Alagoas - UFAL - pesquisa elementos para o estudo do perfil profissional numa estrutura geral das(os) assistentes sociais, no qual são apresentados os indicadores sobre sexo, idade, religião, pertença étnico-racial, orientação sexual, situação conjugal e número de filhos. No perfil profissional de indicadores das assistentes sociais sobre sexo no exercício profissional, os indicadores apontam (dados/2004) a

predominância histórica feminina na profissão com 97%, contando com apenas 3% de homens na profissão como assistente social.

Em porcentagem nos Estados, a região com maior percentual masculino é a Sudeste (7%) e a menor é a região Sul (1%). No perfil de pertença Étnico-racial a maioria das profissionais se identificou como branca (72,14%); em seguida aparecem as(os) pretas(os)/negras(os) (20,32). Os índices da pertença ao grupo das(os) pretas(os)/negras(os) foram maiores no Norte (37,50%) e no Nordeste (32,88%). Neste sentido, as masculinidades negras ainda estão longe de alcançar no mercado de trabalho, funções que atinjam cursos técnicos e profissões que necessitam de cursos universitários.

## CAPÍTULO 3

### A experiência das Residências Multiprofissionais em Saúde na UFRJ

#### 3. 1. Contextualizando as Residências em Saúde da UFRJ e o Serviço Social

No projeto que direciona esta pesquisa “Projeto de Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes”, desenvolvido pela Coordenação de Capacitação Continuada da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ), um dos objetivos foi abordar os principais desafios para a formação e saúde das residentes assistentes sociais da UFRJ em tempos pandêmicos. Neste caso, o direcionamento deste item 3.1 está em fazer observações no exercício do trabalho das/os profissionais residentes das 5 especializações dos programas da UFRJ, no período da pandemia da Covid-19, nas diferentes modalidades de residência para identificar as masculinidades negras nessas especializações, seus atendimentos e dinâmica nos atendimentos em tempos de pandemia:

- 1) A **Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher** do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA).
- 2) A **Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade** do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA).
- 3) O **Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente** do Instituto de Puericultura e Pediatria (IPPMG).
- 4) O **Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde** do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF).
- 5) A **Residência Multiprofissional em Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria** (IPUB).

Neste sentido, o questionário enviado as 25 residentes dos 5 programas da UFRJ, nos permite a contextualizar a localização desses homens negros nas Residências Multiprofissional em Saúde. Através dos gráficos utilizados na pesquisa analisaremos a ocupação destes corpos negros, nesta estrutura de desigualdade racial que se formou a sociedade brasileira, e, se, numa ocupação profissional técnica que necessite de um curso superior (graduação), como as residências em análise, o capítulo irá analisar se esses corpos estão presentes nas

Residências Multiprofissional em Saúde, e, no capítulo contextualizar as Residências Multiprofissional em Saúde da UFRJ.

Das 25 respondentes da pesquisa, apenas 04 eram do sexo masculino, conforme indica o gráfico 1.

**Gráfico 1:** Masculinidade na Residência



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

A tabela indica os 4 homens que participaram da pesquisa; pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes, identidade, orientação sexual, cor e escolaridade.

<b>IDENTIDADE</b>	<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>	<b>RAÇA/COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
<b>Homem – Cis</b>	Heterossexual	Branco	Especialização
<b>Homem – Cis</b>	Heterossexual	Branco	Graduação
<b>Homem – Cis</b>	Heterossexual	Preto	Graduação
<b>Homem – Cis</b>	Bissexual	Outro	Mestrado

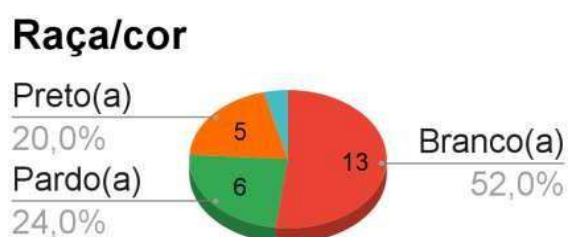
Tabela 1: Quadro de identificação dos residentes homens.

Neste contexto, as 25 respondentes da pesquisa são residentes assistentes sociais dos 5 programas de residência da UFRJ, (21) são mulheres e (4) são homens. No questionário enviado para as residentes, das 25 respondentes, apenas quatro eram homens, dos 4 assistentes sociais homens residentes que responderam, apenas (1) se autodeclararam como preto.

Portanto, o homem negro não está localizado nas Residências Multiprofissionais em Saúde no perfil da pesquisa, onde eles estão? Podemos ter uma base no capítulo 2.2, na contextualização histórica desses corpos e dessas masculinidades negras, e temos uma perspectiva de qual ocupação estes homens estão situados no sistema capitalista da sociedade brasileira. O questionário nos permitiu contextualizar a localização desses homens negros nas Residências Multiprofissionais em Saúde, tendo como análise as residentes dos 5 programas da Residência Multiprofissional em Saúde da UFRJ.

No que concerne à raça/cor das pesquisadas, treze (13) se auto declararam como brancas; seis (6) como pardas; cinco (5) como pretas e uma (1) como "outro". Portanto, 44% das residentes dos programas da UFRJ, são negros/as e pardos/as, sendo atravessadas pela nossa conjuntura de base: o racismo estrutural, o patriarcado e o machismo, podendo também nesta análise atingir a saúde mental e física das residentes que se autodeclararam branco/a.

**Gráfico 2:** Raça / Cor



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ.

No documento CFESS (2009), a elaboração do documento se volta para atuação profissional das assistentes sociais na saúde, examinando o documento sobre o perfil das assistentes sociais nos desafios de atuação nas políticas públicas, o documento sinaliza para termos cuidados com as práticas e abordagens

conservadoras tradicionais funcionalistas e pragmáticas, onde tratam as questões sociais como problemas individuais, e que podem ser resolvidas individualmente, conseqüentemente, reforçam as práticas conservadoras. Neste contexto, o CFESS enfatiza a importância e competência das/dos profissionais de Serviço Social ser orientado pelo Código de Ética Profissional e pela Lei de Regulamentação da Profissão, que deve ser respeitado por profissionais, quanto por instituições empregadoras.

A importância do documento para a contextualização deste capítulo, é de suma importância, para a aplicação da intervenção profissional na identificação da questão social. Silva, Castro e Souza (2021), abordando as crises sanitárias na atualidade com a realidade da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Os autores, com dados de junho de 2021, mostram uma crise sanitária e humanitária que já levou à morte mais de 487 mil pessoas. Vivemos um período do avanço de um colapso nacional do sistema de saúde, pessoas morrendo no leito dos hospitais por falta de oxigênio, esperando por leitos de enfermagem e de Unidades de Tratamento Intensivo (UTI). Com o agravamento do negacionismo do Governo Federal aumentaram as dificuldades de enfrentamento da Covid-19, trazendo uma precarização do trabalho para toda área da saúde.

Então, todos esses imbricamentos também atingem as Residências Multiprofissionais em Saúde da UFRJ, na qual, os usuários do Sistema Único de Saúde em sua maioria da sua população são pretos e pardos. Refletindo na estrutura social e econômica dessa população, mais a precarização da saúde pública, podendo trazer danos e conseqüências na saúde mental e física das residentes em saúde. Silva, Castro e Souza (2021), expressam a questão das desigualdades sociais no contexto da pandemia, questionando a falácia da grande mídia corporativa, dizendo que o novo coronavírus tem o viés social democrático, pois atinge todas as classes sociais, sabendo que as residentes em saúde fazem parte da classe trabalhadora de um Estado que não trata a pandemia de forma assertiva.

O nosso ponto de partida analítico é de que não há nada de inevitável ou natural nos números da COVID-19 no Brasil. Os números de contaminados e de mortes provocadas expressam diretamente o tratamento que o Estado tem dado à questão. O que se observa é a insistência da negação das orientações epidemiológicas – que apontaram uma segunda onda no país; e que afirmam que a única forma de conter o contágio, evitar mortes e de conter o colapso do sistema de saúde é o fechamento de atividades não essenciais. Dessa forma, o tratamento da

pandemia no Brasil tem demonstrado, seguindo um fluxo histórico, de que nunca houve dúvidas entre o que é prioridade para a burguesia nacional, ou seja, a construção de um falso dilema entre economia versus saúde, onde a primeira é posta como prioridade. Não há dúvidas sobre o predomínio do interesse econômico do capital em detrimento da vida e saúde de trabalhadoras e trabalhadores e, especialmente, dos pobres e pretos/pretas (SILVA, CASTRO, SOUZA, 2021, p. 37).

O documento da CFESS reforça a importância das assistentes sociais residentes em saúde está atenta com as competências e atribuições do Serviço Social, nessa perspectiva é preciso está alicerçado em sua base, que se direciona no Código de Ética Profissional e na Lei de Regulamentação da Profissão para o enfrentamento da precarização em saúde, e o atendimento aos usuários do SUS.

Na análise do gráfico 2 - Raça/cor - 12 residentes se autodeclararam preto/a e pardo/a e 13 residentes brancos/as. No questionário destinado à saúde das residentes nas Residências Multiprofissionais em Saúde UFRJ, mostra-se o contexto da pandemia atingindo a saúde física e mental de uma parte das/dos residentes. A questão Raça/cor atravessa 44% desses/as profissionais, podendo ser as/os residentes as mais atingidas nestes adoecimentos causado por essa estrutura neoliberal que podem afetar a saúde física e mental.

Em relação à saúde física das vinte e cinco (25) respondentes da pesquisa, quinze (15) disseram que sua saúde física foi afetada e dez (10) não foram afetadas. Quando questionados de que forma a saúde física foi afetada os respondentes sinalizaram:

*“Cansaço, medo, preocupação, estresse e aumento no consumo de álcool.”  
(Residente B)*

*“Aumento de peso; aumento de enxaquecas por conta da quantidade excessiva de trabalho online e conseqüentemente, alteração do grau dos olhos; dores na coluna; fadiga muscular” (Residente C)*

*“Estresse, ansiedade, pânico de transporte público, distúrbio alimentar.”(Residente G)*

*“Eritema Nodoso, ocasionado por uma reação imunológica e estresse”  
(Residente F)*

*“Apresentei enxaquecas, insônia e dores nas costas e nos punhos pelo tempo na frente do computador.” (Residente J)*

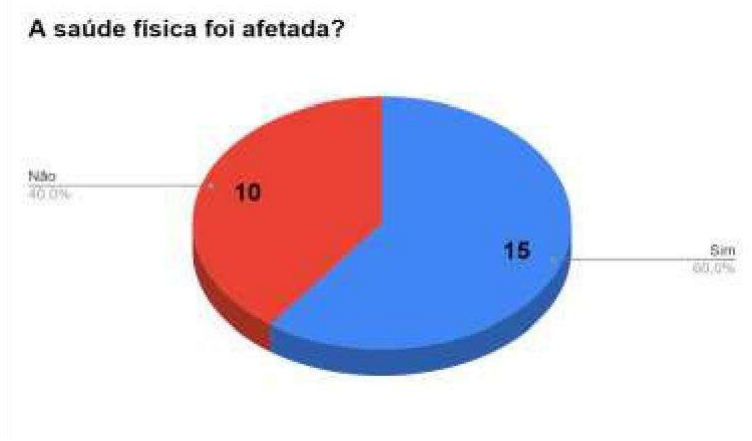
*“Não consegui dormir, minha TAG agravou e tive que retornar a medicação.”  
(Residente L)*

*“Exaustão física devido a sobrecarga de trabalho, exaustão emocional por receio do contágio nos meses iniciais e ausência do fornecimento de EPIs e assédio moral. ” (Residente M)*

*“Atualmente faço uso de antidepressivo e ansiolíticos, para controle da ansiedade, insônia e depressão agravada no período.” (Residente B)*



**Gráfico: 3: Saúde Física**



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ.

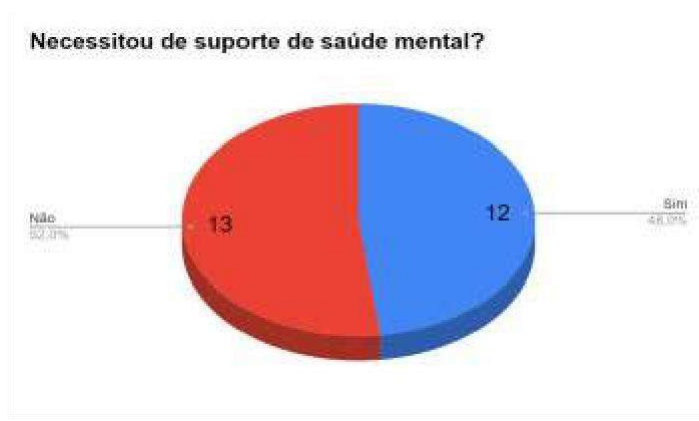
Em decorrência a saúde mental das residentes à necessidade do suporte de saúde mental, ficou praticamente dividida as relações de busca por suporte para sua saúde mental no espaço do exercício profissional, uma (1) precisou buscar suporte de um/a profissional da área de psicologia, a terapia foi um caminho buscado no período de isolamento.

*Terapia e medicações. (Residentes A)*

*A terapia foi muito importante nesse período. (Residente x)*

*Eu gostaria de ter tido acesso à terapia, mas não consegui atendimento. (Residente y)*

**Gráfico: 4: Necessidade de suporte de saúde mental?**



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Em relação ao agravamento das demandas apresentadas pelos usuários, vinte e uma residentes responderam que ocorreu o agravamento e 4 respondentes identificaram que não houve agravamentos das demandas. E descreveram das seguintes formas:

*“As demandas de saúde mental tiveram agravo perceptível” (Residente F)*

*“Agravamento da questão social e da vulnerabilidade, pobreza extrema, violência, entre outras.” (Residente A)*

*“O tempo de internação expandido por conta da pandemia, levou à reagudização do sofrimento psíquico de vários usuários.” (Residente T)*

*“Perda da renda e agravamento de doenças.” (Residente G)*

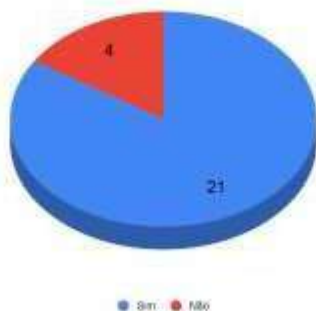
*“Questões de infra-estrutura, de saúde, de assistência, financeiras, violências.”(Residente C)*

*“Agravo nos quadros de saúde, evoluindo a óbito pela demora em acessar serviços, piora das relações interpessoais com o agravar da condição financeira.” (Residente Z)*

*“Houve um crescimento do sentimento de medo e perigo por um dado momento, principalmente no início, visto que atendo usuários de psicoativos, parte considerável em situação de rua (na UNIPRAD), e também pessoas que vivem com HIV/AIDS (no SAE). O medo estava relacionado à morte. Mas no decorrer parece que houve uma banalização do perigo da covid-19. Nesse processo, o que aparecia como "social" era a necessidade de habitação e alimentação. Muitos relatos de dificuldades de acesso ao auxílio emergencial e/ou ao BPC.” (Residente X).*

**Gráfico: 5:** Houve agravamento das demandas apresentadas pelos usuários?

Houve agravamento das demandas apresentadas pelos usuários?



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Nesta realidade da conjuntura política por falta de vontade de investimento nas políticas públicas, devido ao contexto ultraneoliberal que assola o país, sendo caracterizada pela Emenda Constitucional nº 95, que congela os gastos de investimentos na saúde e educação. Sendo assim, o sucateamento das unidades

de saúde ocasionado pela pandemia e pela conjuntura política, vinte e três (23) respondentes da pesquisa afirmaram que houve sucateamento, enquanto que apenas duas (2) afirmaram que não houve sucateamento, conforme o gráfico abaixo.

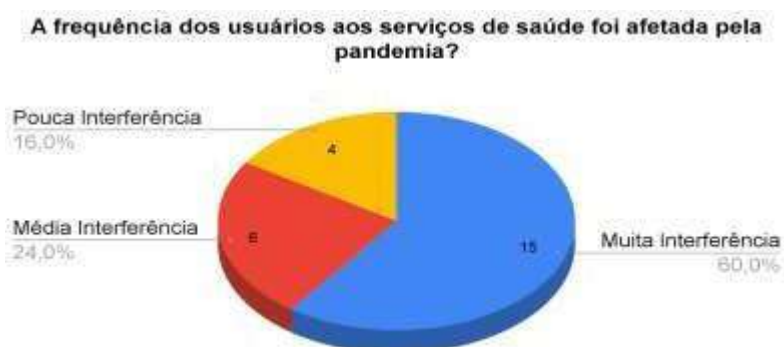
**Gráfico: 6:** Houve sucateamento das unidades de saúde ocasionados pela pandemia e pela conjuntura política?



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Outro ponto que aumentaram as demandas das assistentes sociais residentes, foi a frequência dos usuários aos serviços de saúde afetados devido ao contexto da pandemia, quinze (15) residentes identificaram que houve muita interferência na frequência, já para seis (6) houve média interferência e apenas para quatro (4) houve pouca interferência.

**Gráfico 7:** A frequência dos usuários aos serviços de saúde foi afetada pela pandemia?



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ.

Dentro da estrutura de precarização da saúde pública, as residentes realizaram estratégias para melhoras no atendimento com algumas ações: Educação em saúde através de rodas de conversas, assembleias e atendimentos

individuais; elaboração de folders para informar sobre a COVID-19 e suas formas de prevenção. Vinte e três (23) respondentes da pesquisa afirmaram que suas equipes realizaram esse tipo de conscientização, enquanto que duas (2) afirmaram que não houve necessidade de adotar estratégias.

*“Para além do trabalho em educação em saúde realizado nos atendimentos individuais, a Assembleia, quando retornou, foi um espaço fundamental para o trabalho de conscientização aos usuários.” (Residente A)*

*“Rodas de conversa sobre a COVID-19, educação em saúde e prevenção.” (Residente F)*

*“A questão mais marcante foi conscientizar sobre a necessidade de redução das visitas ( e dos dias de visita) e a questão do acompanhante, sobretudo no diálogo com as equipes, uma vez que o acompanhante é um direito, mas a circulação e aglomeração são riscos.” (Residente B)*

*“Atividade realizada pelos residentes multiprofissionais de produção de cartazes, conscientização, assembleias.” (Residente Y)*

**Gráfico: 8:** Houve necessidade da equipe adotar estratégias de conscientização aos usuários sobre o contexto da pandemia?

**Houve necessidade da equipe adotar estratégias de conscientização aos usuários sobre o contexto da pandemia?**



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Quinze (15) residentes responderam que seu programa de residência não criou estratégia específica e dez (10) residentes responderam que seus programas elaboraram estratégias para responder às demandas afetadas pelo COVID-19. Em relação às estratégias que foram criadas, as residentes sinalizaram que houve:

*“Atividades online” (Residente F)*

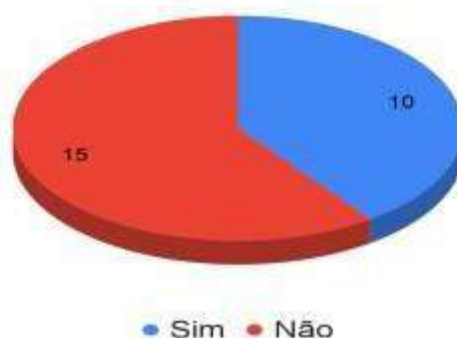
*“Além das aulas remotas, incentivo de participação de cursos, palestras e lives (todos online)” (Residente G)*

*“Repactuações e flexibilizações dos/nos processos de trabalho nas enfermarias conforme o instituto foi adotando as medidas de segurança.” (Residente T)*

*“Atendimento remoto aos usuários, resguardado sigilo profissional e paramentação para inserir-se na enfermaria de coorte.” (Residente D)*

**Gráfico 9:** Houve estratégia criada pelo seu programa para responder às demandas afetadas pelo COVID-19?

**Houve alguma estratégia específica criada, pelo seu programa de residência, para responder às demandas afetadas pelo COVID-19?**



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFR

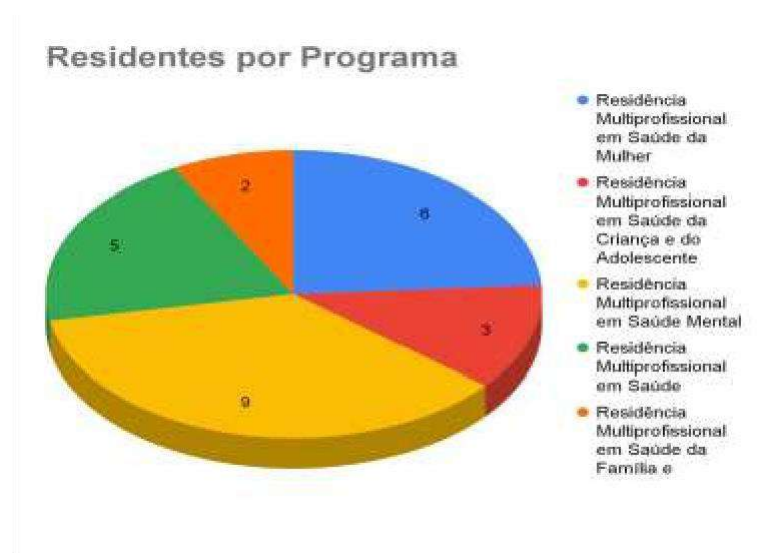
### 3.2. Quem são eles? O perfil dos residentes em saúde no período de 2019-2020

A análise que vamos discorrer neste capítulo é para identificar o perfil dos residentes em saúde, através dos frutos do aprimoramento do trabalho junto às assistentes sociais residentes dos 5 programas de residência multiprofissional em saúde, com iniciativa da Coordenação de Capacitação Continuada da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como também às assistentes sociais tutoras e preceptoras. O propósito é estreitar a comunicação e apoio na formação dos residentes multiprofissionais e saber quem são eles, e também saber o perfil das assistentes sociais residentes R1/R2<sup>2</sup> no período de 2019-2020.

<sup>2</sup> As residentes dos 5 programas em saúde da UFRJ, quanto ao ano de ingresso, doze (12) residentes ingressaram no ano de 2019 e treze (13) ingressaram no ano de 2020. Apesar do formulário ter sido aplicado em 2021, a pesquisa se refere ao primeiro ano de pandemia, ou seja, em relação ao ano de 2020, 12 eram residentes de nível 2 (Residentes 2) e 13 eram residentes de nível 1 (Residentes 1).

Mediante ao contexto histórico das RMS, apresentaremos os resultados através dos gráficos dos números de vagas dos 5 programas de Residência Multiprofissional em Saúde da UFRJ, o levantamento do relatório já explicitado na introdução da pesquisa para identificarmos o perfil das 25 respondentes dos 5 programas da UFRJ.

**Gráfico 10:** Residentes por programa



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFR

Os programas de residência da UFRJ todo ano abrem um total de 16 vagas para assistentes sociais, divididos em 5 programas, são eles: Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA). Possui 4 vagas; A Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA). Possui 2 vagas; O Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente do Instituto de Puericultura e Pediatria (IPPMG). Possui 2 vagas; O Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF). Possui 3 vagas; A Residência Multiprofissional em Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria (IPUB). Possui 5 vagas.

**Gráfico 11:** Ano de Ingresso

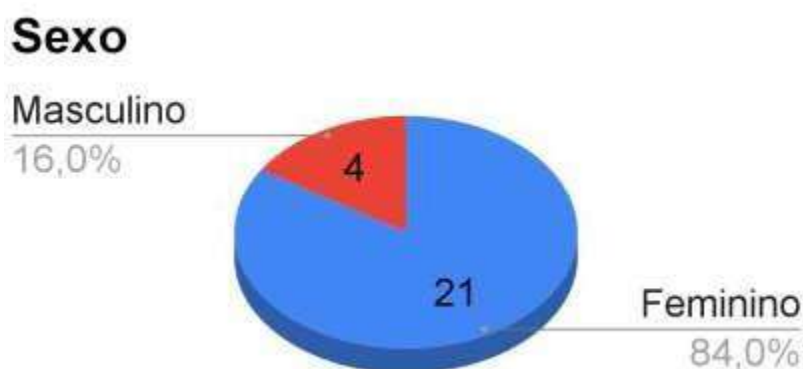
Em relação ao ingresso, o gráfico mostra 12 ingresso das residentes no programa das residências em 2019. O formulário foi aplicado em 2021, a pesquisa se refere ao primeiro ano de pandemia, ou seja, em relação ao ano de 2020, 12 eram residentes de nível 2 (R2) e 13 eram residentes de nível 1 (R1).



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFR

O gráfico sobre o sexo das residentes se conecta com o capítulo 2, quando baseado na dissertação da Mirla Cisne, contextualizamos a gênese do Serviço Social dentro do contexto estrutural patriarcal de nossa formação social brasileira. Onde o cuidado se relacionava diretamente com as mulheres, imbricada com a assistência e influência da igreja católica. O gráfico aponta no que concerne ao sexo das residentes, vinte e uma (21) são do sexo feminino enquanto que quatro (4) são do sexo masculino.

**Gráfico 12:** Sexo dos/as residentes



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFR

Em relação à orientação sexual das residentes, dezenove (19) se declararam heterossexuais e seis (6) bissexuais.

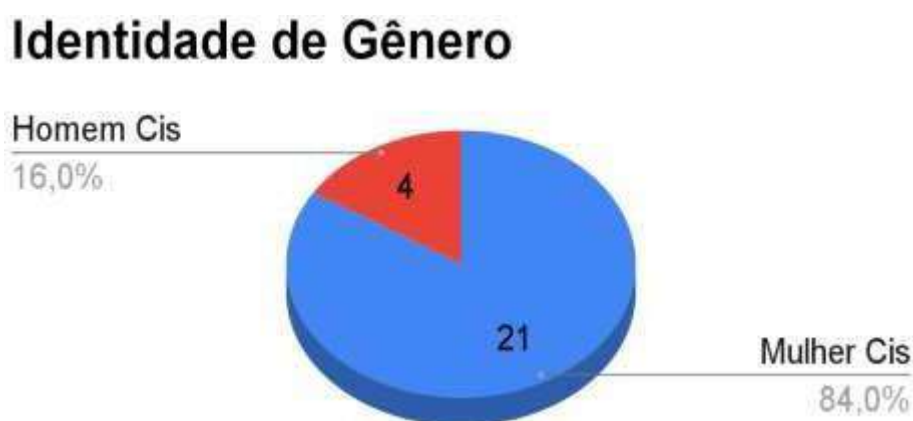
**Gráfico 13:** Orientação Sexual



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFR

Na questão de gênero contextualizado no 3.1, no qual, apenas 1 homem se autodeclarou preto. Das 25 respondentes, vinte e uma (21) se identificaram como mulheres cis e quatro (4) se identificaram como homens cis.

**Gráfico 14:** Identidade de Gênero

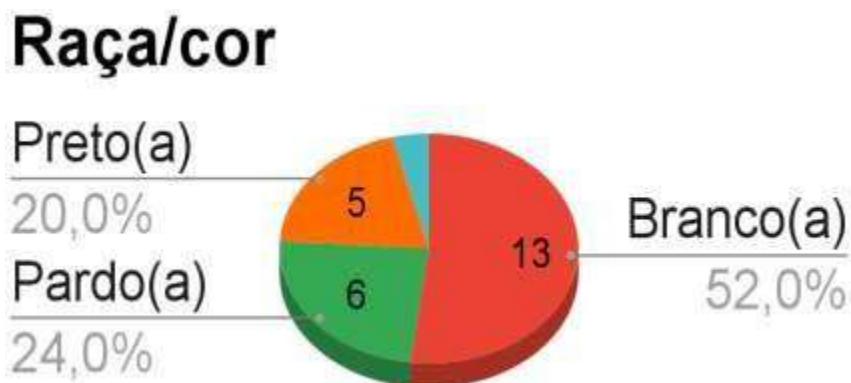


Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFR



No que concerne à raça/cor das respondentes, treze (13) se auto declararam como brancas; seis (6) como pardas; cinco (5) como pretas e uma (1) como "outro" (esse outro não conseguimos identificar a Raça/cor).

**Gráfico 15:** Raça / Cor



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Na faixa etária das residentes respondentes da pesquisa, se destaca as residentes na faixa etária entre 26 a 30 anos com (15) respondentes, seguido da faixa etária de 31 a 35 anos (6) e 25 anos (4) e, por fim, de 36 a 35 anos (1).

**Gráfico 16:** Faixa Etária.

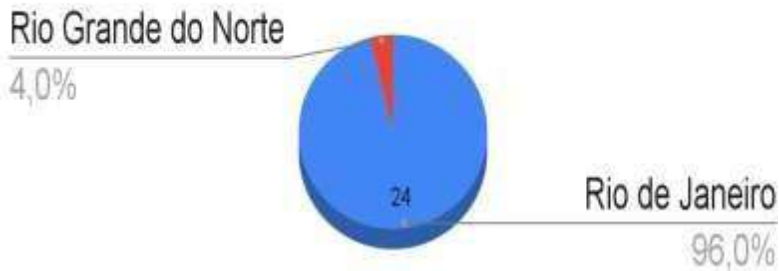


Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Os residentes respondentes dos programas de residência da UFRJ, em sua maioria, têm a sua origem no Estado do Rio de Janeiro, vinte e quatro (24) são do estado do Rio de Janeiro e apenas uma (1) é do estado do Rio Grande do Norte.

**Gráfico 17:** Estado.

## Estado



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Em relação ao município de residência, vinte e uma (22) residem no município do Rio de Janeiro, duas (2) respondentes residem em municípios da Baixada Fluminense (1 em Belford Roxo e 1 em Queimados), e uma (1) reside em São Gonçalo.

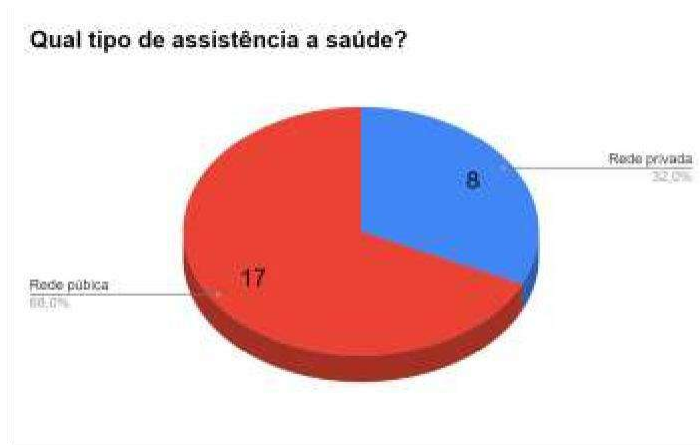
**Gráfico 18:** Município.



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Neste contexto, de moradia e origem das residentes respondentes de Estado e Município, como classe trabalhadora as residentes em sua maioria usam o Sistema Único de Saúde (SUS). Ao tipo de assistência à saúde, das vinte e cinco (25) respondentes da pesquisa, dezessete (17) residentes contam apenas com assistência em saúde no âmbito SUS, oito (8) respondentes assinalaram que possuem acesso ao sistema privado de saúde.

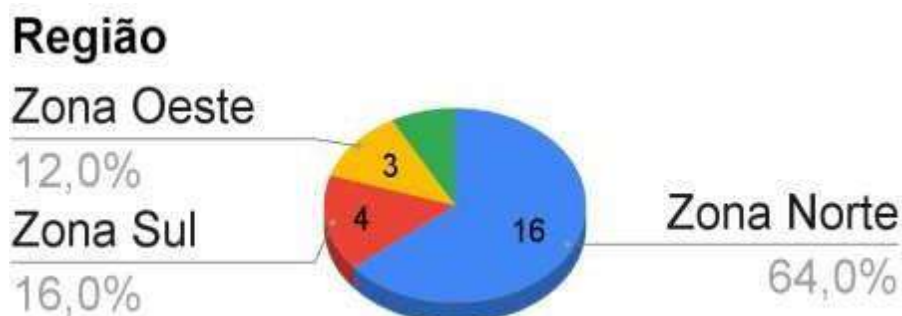
**Gráfico 19:** Tipos de assistência em saúde.



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Quanto à região em que residem em seus respectivos municípios, dezesseis (16) moram na zona norte, quatro (4) na zona sul, três (3) na zona oeste e duas (2) na Baixada Fluminense. Uma observação em relação às (3) respondentes da Zona Sul, (2) moram no alojamento da UFRJ no bairro de Botafogo.

**Gráfico 20:** Região.



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Em relação ao território, as residentes informaram que treze (13) residem no subúrbio, cinco (5) residem em área central, quatro (4) em área nobre, duas (2) residem na favela e uma (1) reside em área de risco.

**Gráfico 21:** Território

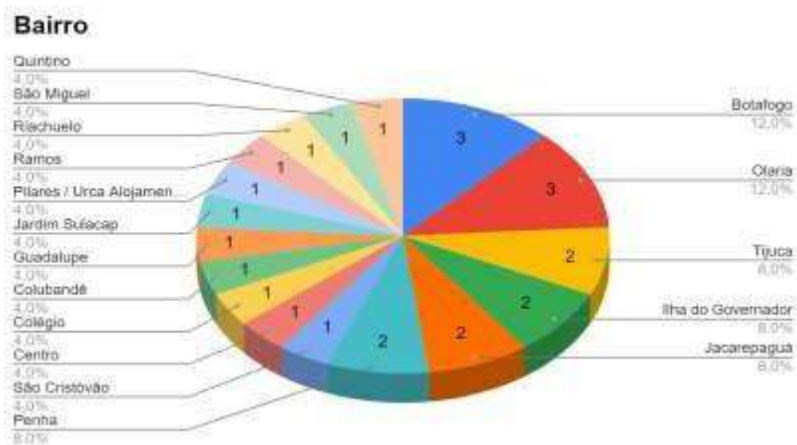
## Território



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

Nos bairros de residência das respondentes temos uma grande diversidade. Três (3) residem em Botafogo (2 no alojamento da UFRJ), três (3) em Olaria, duas (2) na Tijuca, duas (2) na Ilha do Governador, duas (2) em Jacarepaguá, etc.

Gráfico 22: Bairro



Fonte: Pesquisa Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes - ESS-CCC/UFRJ

### 3. 3. Por onde eles andam? Homens negros e assistentes sociais

Na análise sobre o objeto pesquisado no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), repetimos algumas perguntas (com alguma frequência), sobre onde encontraríamos os corpos negros na sociedade capitalista de consumo, se eles não estivessem nos 5 programas de Residência

Multiprofissional da UFRJ, qual posição estaria ocupando estes homens negros no mercado de trabalho?

Ao discorrer os capítulos elaborados pela pesquisa, analisamos na parte 1.3 do Capítulo 1: "O Estado da arte da produção do Serviço Social nas Residências em Saúde", foram encontrados 22 artigos acadêmicos no período de 2011 a 2017 (17 produções), de 2018 a 2020 (5 produções). No encontro da ENPESS e no congresso da CBAS, foram encontradas (46) produções de teses e (9) dissertações, sendo analisadas um total de 71 produções das áreas de Serviço Social e Saúde.

Nestes artigos selecionados, tivemos diversos temas no período de aproximadamente 20 anos, percebemos dentro deste período de produções sobre as residências, muitos temas recorrentes as residências ainda precisam ser abordadas, em especial a temática pesquisada sobre as masculinidades negras compondo o corpo de assistentes sociais nas residências multiprofissionais.

No capítulo II: A construção social da Masculinidade, vimos a construção social das masculinidades negras no Brasil no contexto histórico de nossa formação social, estrutural e econômica de nossa formação como sociedade, em um período de mais de 300 anos de escravidão. Dentro desta construção histórica, os negros passam pelo processo do estudo da Eugenia após os anos 1930, a falácia da democracia racial, o processo de branqueamento atrelada com a masculinidade hegemônica, proporcionando ao negro uma exclusão na construção social brasileira na educação e no mercado formal de trabalho. Este panorama do capítulo 2.1, mostra a exclusão dos escravizados no contexto histórico revelando a ausência das masculinidades em profissões técnicas, e que necessitam de um curso superior (graduação).

No capítulo 2.2 - Masculinidades negras e suas (des)humanidades: ainda em dados e estatísticas, podemos ver através dos dados dos homens negros o aumento desses corpos no mercado informal de trabalho, em situação de rua, por reconhecimento fotográfico, desemprego, sistema carcerário, encarceramento da população negra e taxas de homicídios da população jovem. Vimos através dos indicadores sociais a população negra ocupando os espaços nos temas citados acima, ou seja, podemos enxergar a população negra em maioria nesses lugares, e com menor proporção nas universidades e trabalhos de especialização técnica.

No capítulo 3.1, esses dados dialogam com as análises colhidas no capítulo 2.2, qual os lugares estão ocupando essas masculinidades negras? Com a pesquisa direcionada aos 5 programas de Residências em Saúde da UFRJ: Pandemia, formação e saúde: um olhar para as assistentes sociais residentes, os resultados das 25 respondentes assistentes sociais dos 5 programas da UFRJ, na qual a pesquisa aponta com os resultados, o lugar de ocupação desses homens, permitindo contextualizar os lugares hegemônico dos mesmos, sendo ocupada na zona de não-ser como diz Fanon. Identificamos nas análises das residências que apenas (4) homens compõem a turma das residências em saúde no período analisado, apenas (1) respondente se autodeclarou preto, através dos resultados de gênero demonstrada no gráfico 14.

O que quer dizer a zona de não-ser? Observando as análises das masculinidades hegemônicas, e, quando pensamos em masculinidades negras nos desperta uma pergunta, de qual lugares hegemônicos as masculinidades negras irão aparecer? A pesquisa consegue identificar e dar respostas para essas indagações, onde os lugares hegemônicos dessa população não está relacionada com lugar de privilégios, pelo contrário, vamos encontrar (mediante ao resultado da pesquisa) as masculinidades negras nas populações em situação de rua, encarceramento, genocídio, mortes seguidas por violência, por isso, a importância de refletirmos no que esses dados tem a nos dizer. O nosso objetivo final é gerar essa reflexão no perfil das residências multiprofissionais em saúde, porque eles, as masculinidades negras, não estão lá.

Falo de milhões de homens em quem deliberadamente inculcaram o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a prostração, o desespero, o servilismo. (Aimé Césaire, Discurso sobre o colonialismo). (FANON, 2008, p. 25).

Falar de racismo e masculinidades negras numa sociedade estruturalmente racista como a nossa, torna-se uma dinâmica que vai além de uma militância por igualdade racial, isso também mexe com as nossas subjetividades que se relacionam diretamente com a nossa saúde mental. Esse debate me impulsiona buscar Frantz Fanon pela visão estrutural que o autor enxergou: que o colonialismo gerou uma deformação do negro na estrutura racial de classes. Na introdução de *Pele negra máscaras brancas*, Fanon expressa bem esse sentimento que adoece, com perseverança e luta por causa de sua tese que não foi aceita pelos seus

orientadores, e, vivendo na Metrópole se deparou com uma sociedade colonialista que as pautas negras não são prioridades:

[...] Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. Faz tanto tempo... Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou. E muito menos aqueles a quem ela se destina. E então? Então, calmamente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já que o digo, vou tentar prová-lo [...]. (FANON, 2008, p. 25)

Para fechar a construção deste capítulo, vamos analisar três fatos modernos que ainda acontecem no dia a dia das pessoas negras em nossos dias - 2021. Uma reportagem da TAB uol, em Sorocaba (SP), no dia 28/09/2021 - motivo: “homem negro demora tirar filho autista do carro leva homem negro a receber PM em casa”. Osmar de Camargo, 41 anos, professor de história e geografia, que no momento trabalha como produtor cultural. Osmar mora no local há mais de 13 anos, seu bairro abrange casas que misturam residências de classe média e classe média alta, sua casa é confortável, mas simples: 70m em um terreno de 10m x 25m.

Osmar foi levar seu filho autista até o parque da cidade, quando voltou do parque, acontece um ritual para tirar seu filho do carro, distração e convencimento leva alguns minutos para tirar o filho do carro. Usava chinelo, bermuda e camiseta, o horário marcava mais de 11h da manhã. Mesmo morando no local a muito tempo, um telefonema anônimo para a PM sobre um ladrão é um refém, numa casa habitada por um homem negro, sua companheira e seu filho autista. Resumo: chegaram 3 viaturas com 12 policiais armados de fuzil.

O outro caso a ser abordado, foi a reportagem do G1 no dia 29/09/2021. Notícia: “Com mestrado e 7 livros publicados, africano que mora no Rio não acha emprego na área e pensa em voltar à Guiné”: não desistir do meu sonho. Eliseu Banori tem mestrado em Língua Portuguesa pela UFRJ, e já lançou 7 livros, mas atualmente trabalha como auxiliar de serviços gerais para sustentar a família. Ele mora no Rio há 12 anos e afirma que quer continuar no Brasil, mas com as dificuldades financeiras, pensa em voltar para Guiné-Bissau. Sem arrumar trabalho na sua área de formação, Eliseu hoje trabalha num condomínio de luxo na Barra da Tijuca com o cargo de serviços gerais.

Para encerrarmos o lugar das masculinidades negras no mercado de trabalho e nas estatísticas que atravessam seus corpos, a reportagem é do Jornalismo Preto é Livre. Essa reportagem fala da realidade de Salvador/Bahia da

estatística que o homem negro é o perfil de 100% dos mortos pela polícia em Salvador. A reportagem é de dois jovens tendo a polícia como suspeita do crime, o perfil dos Jovens é o mesmo de 100% das pessoas assassinadas pela polícia baiana em Salvador somente no ano de 2020. O crime aconteceu no dia 19 de setembro de 2021.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção do tema do Término de Conclusão de Curso (TCC), Formação em Saúde, Masculinidades Negras e Serviço Social: A experiência das Residências em Saúde da UFRJ, minha familiaridade de pesquisa estava voltada para a subjetividade das masculinidades negras, quando recebo a proposta de ser pesquisador bolsista, cujo o objeto de estudo era Residência Multiprofissional em Saúde, a sensação desconfortável em pesquisar um objeto totalmente distante de minha realidade se tornou um grande desafio.

A residência em saúde é caracterizada por ser uma especialização em serviço, onde há a articulação entre a atuação profissional e o processo formativo, de forma que configura uma estratégia de formação de recursos humanos para o SUS, a formação profissional para o SUS é reconhecida com a Constituição Federal de 1988 e posteriormente com a Lei Orgânica da Saúde (LOAS), em 1990, sendo demonstrada a necessidade da importância profissional na RMS.

Os desafios para a formação profissional das residentes em saúde estão inseridos na divisão social técnica do trabalho, de dimensão investigativa e interventiva que atua no enfrentamento das diversas expressões da questão social, a importância do projeto ético-político para a defesa da democracia, da justiça social e base para transformação das práticas profissionais e das políticas sociais (CASTRO, 2013).

Neste sentido, formação em saúde e residência deixou de ser um desafio de pesquisa para ser um objeto de pesquisa de igual modo das masculinidades negras, as residências e masculinidades negras são pontos a ser debatidos na formação profissional das residentes, como tratar um profissional que só enxergamos esses corpos como usuário do SUS, ou aquele que está envolvido em violência doméstica e abandono dos filhos. Como lidar com um profissional masculino e negro no cuidado do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente do Instituto de Puericultura e Pediatria (IPPMG) ou, na Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA)?

O grande desafio lançado pela pesquisa em seus dados estatísticos é esse, corpos que já estão estereotipados a dor, a violência, ao retrato do medo, ao convívio com as marquises de noites frias, passamos por esses corpos nas ruas e

não há sensibilização porque já virou rotina vê-los nesta situação. No meu processo de graduação quando participava de alguns grupos como o único gênero masculino, me esforçava o máximo para estar participando do processo de desenvolvimento do grupo, não entender o processo de trabalho e dificuldades com a internet sempre foi um desafio na minha subjetividade, pois sabia que poderia correr o risco de ter menos paciência e tolerância no processo (como já aconteceu e escutar não de uma forma direta, se estava preparado para ser assistente social).

O objetivo da pesquisa realmente é levantar este debate em relação ao “cuidado”, na caminhada do processo de graduação e nesse processo de ter a residência como objetivo após a formação e não o mestrado, e, não poder escutar mais a fala que certo programa de residência não faz parte do meu perfil. Mirla Cisne no debate da sua dissertação da “feminização” da profissão explica o contexto histórico da mesma. Cisne argumenta que a questão social nos 1930, ficam sob responsabilidade do Estado, o Estado utiliza a figura da mulher numa sociedade estruturada no patriarcalismo. Neste contexto, a figura da mulher é utilizada difundida ideologicamente pela igreja e o Estado, com características conservadoras da religião católica sem uma visão crítica da questão social.

Um ponto que não foi abordado na pesquisa é sobre o “cuidado” de gênero nas residências multiprofissionais em saúde, essa estrutura, em que o cuidado está voltado a mulher é um processo histórico e conservador baseado na religião. Essas questões ficaram em aberto na pesquisa, precisamos contextualizar o homem nesse cuidado, para casos de abusos e violência contra as mulheres entrarem nestes debates numa sociedade formada de uma masculinidade hegemônica e branca. Na própria ESS/UFRJ tivemos alguns casos nesta temática, não adianta jogar para debaixo do tapete os problemas estruturais de uma sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

ABEPSS. **Relatório da pesquisa Mapeamento das residências em área profissional e Serviço Social**. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, ABEPSS, Brasília, 2018. <http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/relatorioabepssresidencia201812031150396627330.pdf>. Acesso realizado em: 20.02.2021.

ABEPSS. **Diretrizes Curriculares da ABEPSS**. <http://www.abepss.org.br/diretrizes-curricularesdaabepss10#:~:text=As%20Diretrizes%20Curriculares%20da%20ABEPSS,conhecimentos%20constitutivos%20da%20forma%C3%A7%C3%A3o%20profissional>. Acessado: 24.02.2021.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (**Feminismos Plurais**/Coordenação de Djamila Ribeiro).

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. (**Feminismos Plurais** / coordenação de Djamila Ribeiro)

Assistentes Sociais no Brasil: **elementos para o estudo do perfil profissional / Organizado pelo Conselho Federal de Serviço Social**; colaboradores Rosa Prêdes... [et al.].-- Brasília: CFESS, 2005.

AZEVEDO, C. M. M. **Onda Negra, Medo Branco; o negro no imaginário das elites** - Século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BASÍLIO, D. S; CAPUTI, L. Serviço social e saúde: um olhar para a formação profissional. **Serviço Social & Saúde**, Campinas, SP v.16, n. 1 (23), p. 49-80, jan./jun. 2017.

BORGES, J. **Encarceramento em massa** / Juliana Borges. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 144 p. (**Feminismos Plurais** / coordenação de Djamila Ribeiro)

BRASIL. **Decreto nº 62/4** de 28 de setembro de 2008.

BRASIL. **Lei Orgânica do Assistente Social** – Lei 8.742 de 07 de Dez de 1993.

BRASIL. **Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 9. ed. rev. e atual.** - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2011]. 60 páginas“Atualizado em 13.3.1993, com alterações intraduzidas pelas Resoluções CFESSn.290/94, 293/94, 333/96 e 594/11.

CAMPOS, D. S. **Trajectoria, experiência e corpo negro em cena Reflexões e apontamentos de um pesquisador iniciante**. Vol 05, N. 02 - Abr. - Jun., 2019 | <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>.

CAPUTO, L. R; SILVA, P. C; TRISTÃO, V. A. C. Tutoria e Preceptoria de Residência Multiprofissional em Saúde: análises do serviço social. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v.19, n.2, p. 498-512, ago. / dez. 2019.

CASTRO, M. M. C. Formação em Saúde e Serviço Social: as residências em questão. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 12, n. 2, p. 349 - 360, jul./dez. 2013

CASTRO, M. M. C; DORNELAS, C.B. C; ZSCHABER, F. F. Residência multiprofissional em saúde e Serviço Social: concepções, tendências e perspectivas. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v.19, n.2. 2019.

CERQUEIRA, D. **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021.

CISNE, M. SERVIÇO SOCIAL: **UMA PROFISSÃO DE MULHERES PARA MULHERES? Uma análise crítica da categoria gênero na histórica “femininização” da profissão.** Dissertação de Mestrado em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

Conheça a tela '**A redenção de Cam**', de 1895, destaque em mostra no MNBA **Obra de Modesto Brocos reflete teses de embranquecimento da população.** Foto: Divulgação/MNBA, Reportagem, O Globo, 2018.  
<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/conheca-tela-redencao-de-cam-de-1895-destaque-em-mostra-no-mnba-22740416>. Acesso em 20/09/2021.

CFESS. **Parâmetros para a Atuação de Assistentes Sociais na Saúde.** Grupo de Trabalho Serviço Social na Saúde Brasília, Março de 2009.

CFESS. **Residência em Saúde e Serviço Social – subsídios para a reflexão.** Brasília. 2017. Disponível em:  
<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESSBrochuraResidenciaSaude.pdf>.

Acessado em 21.02.2021.

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS **Sistema carcerário brasileiro: negros e pobres na prisão**<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>. Acesso em 14/09/2021.

CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

FAUSTINO, D. M; RIBEIRO, A. A. M. **Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos Sobre Masculinidades Negras na Diáspora.** Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, n. 10, ago. 2017.

Folha de São Paulo - **Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil** - A maioria afirma ter parado de estudar porque precisava trabalhar  
<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtml>. Acesso em 15/09/2021.

FRANTZ, F. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

G1 - Exclusivo: **83% dos presos injustamente por reconhecimento fotográfico no Brasil são negros.**

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/02/21/exclusivo-83percent-dos-presos-injustamente-por-reconhecimento-fotografico-no-brasil-sao-negros.ghtml>.

Acesso em 15/09/2021

GELEDÉS - **População negra entre o genocídio e o racismo.**

[https://www.geledes.org.br/populacao-negra-entre-o-genocidio-e-o-racismo/?noamp=available&qclid=Cj0KCQjws4aKBhDPArisAIWH0JWXb6fsEYddHBdiHgu\\_5rIE6Sq9R8Ek5vOXguFXq3NF1ZGaDL3aqwoaAmCOEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/populacao-negra-entre-o-genocidio-e-o-racismo/?noamp=available&qclid=Cj0KCQjws4aKBhDPArisAIWH0JWXb6fsEYddHBdiHgu_5rIE6Sq9R8Ek5vOXguFXq3NF1ZGaDL3aqwoaAmCOEALw_wcB).

Acesso, 15/09/2021.

GOIS, C. C. S; SILVA, A. M. M. F. A atuação do assistente social na residência multiprofissional em saúde da família: um relato de experiência. Revista **Serviço Social & Saúde**, 2017.

**“homem negro demora tirar filho autista do carro leva homem negro a receber PM em casa.** TAB uol, 2021. <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/09/28/a-denuncia-que-levou-pms-a-casa-de-um-homem-negro-com-seu-filho-autista.htm>. Acesso em 01/10/2021.

**Homem negro é o perfil de 100% dos mortos pela polícia em Salvador.** Jornalismo Preto Livre, 2021. [https://almapreta.com/sessao/cotidiano/homem-negro-e-o-perfil-de-100-dos-mortos-pela-policia-em-salvador?fbclid=IwAR37qOvyE7X-kpPTtZ5LN4w1cB73UPGxIFy5qrLwqXnGFzw\\_PXh8eF-jMU0](https://almapreta.com/sessao/cotidiano/homem-negro-e-o-perfil-de-100-dos-mortos-pela-policia-em-salvador?fbclid=IwAR37qOvyE7X-kpPTtZ5LN4w1cB73UPGxIFy5qrLwqXnGFzw_PXh8eF-jMU0).

Acesso em 01/10/2021.

LANZA, L. M. B; CAMPANUCCI, F. S; BALDOW, L. O. As profissões em saúde e o Serviço Social: desafios para a formação profissional. **Revista Katalysis Florianópolis**, v. 15, n. 2, p. 212-220, jul./dez. 2012.

MARTINS, T. C. S. **Determinações do Racismo no Mercado de Trabalho: Implicações na “Questão Social” Brasileira.** Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 113-132, jul./dez. 2014.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política.** Editora Boitempo. 2013.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra.** Tradução: Marta Lança. Revisão: L. Baptista Coelho. Antígona Editores Refractários, 2014.

Notícias Pandemia muda perfil de população em situação de rua e alerta para necessidade de políticas públicas. **A Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) - FIOCRUZ.** <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51989>. Acesso em 15/09/2022.

PAIVA, S. P; RESENDE, L. T; PAULO, M. N. S; TOMÁZ, M. O Serviço Social é o Trabalho em Equipe Multiprofissional nas Residências em Saúde: estado da arte. **Revista Libertas**, 2019.

**Pandemia aumenta número de moradores em situação de rua no Rio.** Agência Brasil <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/pandemia-aumenta-numero-de-moradores-em-situacao-de-rua-no-rio>. Acesso em 15/09/2021.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RIBEIRO, A. L. R. C. **Racismo estrutural e aquisição da propriedade: uma ilustração na cidade de São Paulo:** Editora Contracorrente, 2020.

SCHMALLER, V. P. V; LEMOS, J; SILVA, M. G; LIMA, M. L. L. T. Trabalho em saúde, formação profissional e inserção do Serviço Social na residência multiprofissional em saúde da família. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 11, n. 2, p. 346 - 361, ago./dez. 2012.

SILVA, L. B. Residência Multiprofissional em Saúde no Brasil: alguns aspectos da trajetória histórica. **Revista Katalysis**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 200-209, jan./abr. 2018 – UFSC.

SILVA, L. B. Residência Multiprofissional: notas sobre uma formação através do trabalho em saúde. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 20, n.1, p. 140-158, jan. / jun. 2020.

SILVA, L. S; NATAL. S; DOLNY, L. L. Estado da Arte da Residência Multiprofissional em Saúde no Brasil. **Rev. Educ. Saúde**; 6 (1): 80-89, 2018.

SILVA, L. B; CASTRO, M. M. C; SOUZA, R. O. Crises Econômica e Sanitária: Notas de Continuidade. **Rev. Temporalis**, Brasília (DF), ano 21, n. 41, p. 34-52, jan./jun. 2021.

SIMÕES, P; ZUCCO, L. Homens no Serviço Social: Primeiras Impressões. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v.10, n.1, p. 25 - 41, jan-jun / 2010 –

SOUZA, R. M. **Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente.** Niterói, n. 34, p. 35-52, 2013.

SOUZA, H. R. C. **King Kong (O Rei Do Congo): Representações e Estereótipos Sobre os Homens Negros.** VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Masculinidades e Homens. Brasil, Recife. Abril, 2017.

Síntese de Indicadores Sociais - PNAD - IBGE - Agência IBGE Notícias

**Trabalho, renda e moradia: desigualdades entre brancos e pretos ou pardos persistem no país,** 2012. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>. Acesso: em 13/09/2021.

STAUDT, J. L.; SILVA, A. L. S; MAGALHÃES, M. L. **Aptos aos Trabalhos Braçais, Suscetíveis aos Vícios Morais: Representações do Homem Negro na Revista Educação Physica** (1939-1944). Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 483-494, abr./jun. de 2018.

**Um imigrante da Guiné-Bissau luta para conquistar uma oportunidade no Brasil.** Globo, G1, 2021.

[https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/29/com-mestrado-e-sete-livros-publicados-escritor-africano-que-mora-no-rio-nao-consegue-emprego-na-area-de-atuacao-nao-desisti-do-meu-sonho.ghtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=rjtv&utm\\_content=post&fbclid=IwAR0DkflTubGvMEQ7FXM25-4QWu\\_c-RAoRqsG6-ZEZRcsmbfyqNNzJB1PRQ](https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/29/com-mestrado-e-sete-livros-publicados-escritor-africano-que-mora-no-rio-nao-consegue-emprego-na-area-de-atuacao-nao-desisti-do-meu-sonho.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=rjtv&utm_content=post&fbclid=IwAR0DkflTubGvMEQ7FXM25-4QWu_c-RAoRqsG6-ZEZRcsmbfyqNNzJB1PRQ). Acesso em 01/10/2021.

Você está aqui: Página Inicial / Brasil / 2011 / 03 / 07 / **Racismo no Brasil. A história de uma foto**

<https://www.conversaafiada.com.br/brasil/2011/03/07/racismo-no-brasil-a-historia-de-uma-foto>. Acesso: em 13/09//2021.